



S. A. A SNRA INFANTA D. ANTONIA
PRINCEZA DE PORTUGAL.

Alonso del

KY

A SERENISSIMA SENHORA PRINCEZA

D. Antonia de Saxonia — Coburgo — Gotha — Bragança
e Bourbon

CARTA AO REDACTOR

Amigo Sr. Biester



Instais-me por versos de que se acompanhe o retrato da nossa Princeza a Senhora D. Antonia. Bem folgaria eu de lançar flores no altar em que a saudade dos portuguezes vai adoral-a em effigie. Tentei, diligencieei, insisti; não pude. Outrem que logre essa fortuna. Um homem para o desempenho terieis vós tanto á mão, que até vos é de casa, se a politica, apreciando-lhe o talento e o saber, o patriotismo e a actividade, nol-o não tivesse agora arrebatado para os conselhos da corôa; e assim mesmo talvez que a promptidão

d'aquelle raro ingenho vos possa acudir neste grande aperto. Oxalá! Se assim for, dar-me-hei eu proprio os parabens da minha actual impossibilidade.

Estamos entrados á estação dos versos; faço-os quasi todos os

dias; são ainda as delicias da minha vida. Agora mesmo ali me estão desafiando a cantar não sei que passarinhos nas olaias rosadas do meu jardim. Invoco ao som d'esta musica innocente a suave lembrança d'aquelle Anjo de dezasete primaveras, que um amor feliz nos levou para tão longes terras, e... não sei; não posso; desenganadamente não posso.

Bem sinto que o mimoso objecto proposto aós meus cantos é um thesoiro de todas as virtudes, cercado de todas as graças, naturaes e adquiridas, thesoiro que nós perdemos, com que a Allemanha se enriqueceu, que toda a Europa e todo o mundo invejaria; mas é tão densa a casta sombra que o recobre desde que entre nós appareceu na terra até o dia de hoje, tem aquella existencia corrido tão sem estrondo socegada por baixo de suas copas verdes e floridas, que mal se lhe percebe, ou cuida perceber, algum murmurio. Isto é muito para a felicidade, sobra para a sympathia, para o amor, para a adoração; mas não me basta a mim para um poema. Para celebrar as fragrancias longinquas da violeta emboscada, é preciso ser o rouxinol.

Iria eu fallar do cortejo innumeravel de reis e rainhas, de principes e princezas que derramaram esplendores no seu berço doirado? não são ella; e quando nella penso, desaparecem-me.

Diria que recebeu da Mãe as virtudes no sangue e nos exemplos? do Pae o affecto, o enthusiasmo do bello, a consagração artistica? do seu Anjo da Guarda a innocencia? do ceo de Portugal a pureza e a formosura? do proprio coração a affabilidade, a caridade, o regaço de rosas de Santa Isabel? Quem ha que o ignore?

A sua vida intima e propria, que era o tudo para o nosso caso, devolve-se, repito, obscura por entre as magnificencias a que parece emprestada; a maior parte da sua historia quem a sabe são os pobres, e é Deus que a regista para si.

É uma indole excellente; eis ahi tudo que pude apurar nas minhas investigações. Se tivesse nascido na obscuridade de uma choupana, se não conhecesse paes, se guardasse um rebanho fiando numa roca para subsistir, seria ainda venerada como Princeza por quantos a conhecessem. Torno a dizer meu caro amigo: isto é muito para a felicidade, mas para a poesia, como vós a quizereis, e eu ambicionáva consagrar-lh'a, está muito longe de bastar.

Lisboa 17 de março de 1862.

A. F. DE CASTILHO.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XII



ali sem convite. Foi necessario mandar accender luzes em outras salas alem d'aquella em que ordinariamente se passavam os serões domin-gueiros.

O dono da casa a quem o repouso e a confiança no talento e na amisade de Henrique de Mello haviam gradualmente melhorado, rece-

essa noite houve nas salas do negociante coimbrão tamanha concorrencia como nos seus melhores bailes de inverno. O administrador geral e o seu secretario, o commandante militar, o reitor da Universidade, o vigario capitular, varios conegos, e grande numero de cathedraticos, os mesarios todos da Santa Casa, muitos commerciantes da cidade baixa, as familias da nobreza e finalmente as pessoas de maior valia em Coimbra parecia terem ajustado entre si comparecerem

bia commovido os cumprimentos dos seus compatriotas. D. Anna cuidava que esta manifestação consoladora era devida aos esforços de Henrique, e ao respeito que lhe tinham na cidade. D'ahi tirava legitimo desvanecimento da escolha que fizera, e de ser amada por homem tão superior.

A tia velha andava correndo as salas e dando ordens para que se abrissem as que ainda estavam fechadas. De vez em quando passava pela copa a inspecionar os preparativos do chá e dos refrescos, recommendando que fossem condignos de tão numerosa e brilhante companhia e proporcionados á fortuna de Manoel de Oliveira que ella julgava colossal. Quando por acaso ia sentar-se perto de alguém era para lhe contar como seu irmão comprára o Seixadello a Alvaro de Araujo sem olhar a conto de réis mais ou conto de réis menos.

Henrique sem acreditar na sinceridade d'aquella espontanea reunião saboreava com prazer o triumpho moral do seu velho amigo e protector, e sacrificando ás suas idéas positivas e praticas o exame da lealdade e bons sentimentos das pessoas que atulhavam as salas, meditava tirar desta circumstancia fortuita elementos de credito e de salvação para a casa de Oliveira e Comp.^a D. Barbara seguia com os olhos a futura nóra e o filho, alegrava-se da alegria delles, sorria quando sorriam, e ficava séria e grave, se lhes via o rosto nessa postura.

O amor maternal dera-lhe a faculdade imitativa das creanças. Tão suave e rico de innocencia infantil é o amor das mães.

Procedia de mui differentes causas este inopinado concurso de pessoas. O administrador geral viera pelos motivos que confiára ao secretario. As outras autoridades sabendo-o a tempo, não quizeram que se lhes notasse a falta. Os negociantes que durante o dia receberam despachos telegraphicos para entregarem quantias elevadas a Manoel de Oliveira, espantados de que o governo tivesse emprestado o telegrapho para serviço de um particular, acudiram a captar a benevolencia de homem tão poderoso a quem talvez teriam de pedir no dia seguinte que lhes espaçasse o pagamento por tres ou quatro dias.

Os verdadeiros amigos da casa, e os de Henrique de Mello não só compareceram, senão que andaram pela cidade a dizer quanta gente se esperava á noite, excitando assim a curiosidade dos indifferentes, e determinando-os a apresentarem-se. Alvaro de Araujo e a mana Christina foram dos primeiros a chegar e dos ultimos a partir. Ninguem tomou o pulso com tanto cuidado á popularidade e credito do velho exportador de vinhos. O publico sempre justo nas suas apreciações ficou entendendo que depois de Henrique de Mello, o menino Alvaro era o mais fiel amigo da familia Oliveira.

O administrador geral esteve durante muito tempo a conversar com

o velho negociante antes de se organizar a mesa em que ambos deviam jogar o whisth com o reitor e o commandante militar, e d'ali passando a girar pelas salas para fallar com diversas pessoas encontrou o secretario e perguntou-lhe se já sabia mais alguma coisa.

— Sei que vieram de Lisboa pelo telegrapho a favor de Manoel de Oliveira ordens de pagamento de importancia de cerca de cem contos. Dizem que elle empenhára no banco o deposito de vinhos e azeite que tem em Lisboa.

— Não é verdade. As ordens são do Banco, mas foram pedidas d'aqui sobre dinheiro liquido que está lá. Eu fui, como póde imaginar, quem mandou a parte.

— É verdade. Ninguém o sabe melhor de que V. Ex.^a

— Ora diga-me que effeito causou isso na cidade?

— Muito grande na classe do commercio. É o que V. Ex.^a vê. Até o Rodrigues da Praça ahí anda. Pela segunda vez o vejo de casaca. A primeira foi em casa de V. Ex.^a

— Mas diga-me: Não acha que muita gente veio por saber que nós vinhamos?

— Decerto, respondeu o secretario curvando a cabeça administrativamente.

— Isto não é vaidade minha. Ainda esta manhã lhe disse que não sou homem, sou administrador geral. Esta curiosidade é de governante. Diga-me a sua opinião com franqueza.

— Eu fallo sempre com lealdade aos meus chefes. Alguns negociantes vieram por causas commerciaes, mas o resto foi obra de V. Ex.^a

— Ora não tira d'este facto bom agoiro para as eleições da cidade, e de algumas terras do districto que dependem das pessoas que estão aqui?

— Agora é que eu vejo, respondeu o secretario com admiração tambem administrativa, qual foi a idéa de V. Ex.^a Esta é de mestre! Confesso e abaixo a cabeça. A eleição da cidade póde suppor-se ganha.

— Muito bem. Continue a ajudar-me em favor de Manoel de Oliveira, e creia que nunca lhe hei de recommendar acção que não interesse o serviço publico.

O administrador depois d'este desfecho digno de um marquez de Pombal provinciano, foi continuando o seu giro até á mesa do whisth por entre o tiroteio de cumprimentos que festeja sempre a passagem dos homens de quem muitos outros dependem. O secretario meteu-se pelos grupos a dizer maravilhas da solidez da casa de Oliveira, e nestas voltas foi dar com Alvaro de Araujo que em conversação com dois negociantes da calçada estava inspirando com frases ambiguas receios acerca do effeito das quebras de Hamburgo e de Londres nos haveres do pae de D. Anna.

— Eu cá estou na minha, dizia elle. Vale mais possuir terras do que ter capitaes. Olhem o que se dizia de Manoel de Oliveira. Hoje de manhã ninguem sabia se elle era pobre ou se era rico. Agora — e mais Deus sabe a verdade — é o que estão vendo. Ao menos as terras não se occultam. A quem as quer observar, basta olhar para ellas. O dinheiro está na burra. Ninguem o vê. Vae um dia a gente procural-o, e encontra o sitio onde o guardavam. Nada, nada. Eu cá sou pelos torrões. Rendem menos mas não giram. Eu não gosto dos bens que giram.

— De modo que, interrompeu o secretario que ainda era parente de Alvaro, não gostas dos valores circulantes. Pois nem o dinheiro te agrada ?

— Valha-me Deus! Se tu não havias de vir cortar-me a conversa! Nunca vi homem assim. Vae fazer a côrte á D. Anna ou ao teu administrador geral.

— Tu é que tens a culpa, meu Alvaro. Quando só proferes tolices, não faço caso; porém quando dizes maldades, gosto de te ir á mão. O que tu queres é mexericos contra Manoel de Oliveira.

— Não quero tal, gritou com voz esganiçada Alvaro de Araujo. Eu sou amigo d'esta casa por sympathia e não por interesses politicos ou por esperanças de outra natureza como algumas pessoas que eu conheço.

— Não grites, Alvaro. Já sabia que eras tolo, mas só agora me convenci de que és tolo mau, retrucou o secretario voltando-lhe as costas.

No resto de Alvaro de Araujo assomou o rubor dos fracos. Nenhum outro dá côr mais purpurea á face; nenhum aquece com maior calor a cabeça, mas o sangue que produz tão intensamente esses dois effeitos deixa o coração vasio e como que paralisado. Explica facilmente a sciencia estes phenomenos. A nós, simples observadores da natureza, basta-nos notar que nos homens corajosos o sangue parece encontrar-se no coração para fortifical-o, e que nos outros foge espavorido para as extremidades como se procurasse abandonar o corpo do homem covarde.

— Já viram um animal assim, exclamou Alvaro, voltando-se para os que estavam á roda aguardando com um sorriso a espezteza com que o menino se tiraria d'aquella apertada vergonha. Elle é meu primo, mas é muito bruto!

— Tambem V. S.^a vae-lhe fallar no namoro com a D. Anna e nos interesses politicos, respondeu um dos circunstantes. É muito máu atacar com balda certa.

— Eu cá sou assim. Não hei de vir do outro mundo dizer as verdades. É pão, pão, queijo, queijo. Se elles protejem Manoel de Oliveira é porque teem rasões politicas para isso. A mim não me enganam.

— Mas que mal lhe fez este pobre velho? Cuidei que eram amigos, disse um negociante.

— E somos. Isto é conversar entre patricios. Olhem que a primeira pessoa que veio aqui hontem á noite fui eu, mas a amisade não impede que eu diga o que sinto. Sou amigo do Oliveira, meu pai deveu-lhe favores, porém a verdade primeiro que tudo. Amigos, amigos, negocios á parte.

Nisto chegou D. Christina e pediu ao irmão que lhe desse o braço para ir comprimentar algumas senhoras que estavam na sala proxima. A esbelta irmã de Alvaro de Araujo vira de longe a afogueada agitação do mano, e acudira ali para evitar qualquer imprudencia. Apenas se affastaram do grupo, Christina disse quasi ao ouvido do irmão:

— Parece-me que te excedeste, e assim estragas tudo para ti e para mim.

— Para mim? se é verdade o que se diz, eu não a quero. Casar pela orelha com a filha do taberneiro e azeiteiro mór da Beira! Que honra para a nossa familia.

— Deixa dizer! Esta gente não vinha aqui toda, se o Oliveira estivesse arruinado. Peço-te que não digas mal d'elle. Faze isso por meu respeito.

— Pois realmente tu ainda sonhas com Henrique de Mello? Não vês? Olha para elle acolá assentado entre D. Anna e D. Barbara! É como se estivesse no paraizo! Tira d'ali a idéa.

— Já vi apagar maiores incendios. Não me contraries sem utilidade para ti.

Em quanto Alvaro e a irmã trocavam mtui de mansinho estas frases, os dois mesarios da santa casa membros da commissão dos Asylos discorriam ácerca da theoria da amisade, explicada por Alvaro de Araujo, e apreciavam com malicia burgueza os bons sentimentos do incorrigivel franchinote conimbricense.

— E que tal está a amisade? dizia o mais idoso ao companheiro. Olha que se o Oliveira tivesse uma duzia de amigos como este, estava arranjado!

— Os fidalgos são todos assim, replicou o mais moço. Se elles até mordem uns nos outros quanto mais nos negociantes que os assombram com a riqueza. Por isso eu gosto de viver com a gente da minha classe. Não quero amigos tão poderosos!

— E fazes bem. Estes são dos taes que se chamam amigos de Peniche.

XIII

No mesmo dia em que Manoel de Oliveira recebera em Coimbra a funesta noticia da suspensão de pagamentos de Smith e Davis, esta-

vam em Hamburgo no quarto principal do Hotel da Europa dois homens sentados a uma larga meza examinando papeis e colhendo de cada um d'elles notas que diziam respeito aos interesses do velho pae de D. Anna.

Mostrava o mais idoso ter já dobrado o temeroso cabo dos sessenta annos. Attestavam-o as cãs que lhe cercavam a espaçosa calva, e as rugas que lhe franziam o rosto, mas umas e outras adornavam a expressiva phisionomia do velho em vez de a desfigurarem como acontece na velhice prematura dos homens de vida desordenada.

Trajava de preto com aceio e gosto appropriado á idade, porém era facil observar que estas qualidades provinham dos habitos contrahidos na mocidade e da necessidade de apparecer em publico todos os dias, e não de affectação, reprehensivel no homem sério, e ridiculissima nos que se aproximam ao occaso da existencia.

Chamavam-lhe geralmente *doktor Bieder* que em portuguez significaria *doutor probo*, porém o seu verdadeiro nome era Herman Krath. A alcunha fôra adquirida á custa de trinta annos de honradez e lealdade, decorridos no exercicio da profissão de advogado na cidade de Hamburgo.

O outro sujeito indicava ter quarenta annos. Era alto, magro, de phisionomia bondosa, e extremamente pallido. Pareceria á maior parte das pessoas victima de teimosos revezes e atribulado de repetidos desgostos. Um medico não careceria de longo inquerito para descobrir as lesões internas que lhe iam minando a existencia. Era um homem condemnado pela sciencia, e por assim dizer já morto, porém cuja apparencia robusta e agil manifestava grande vigor, e não enfermidade.

Sobre a mesa diante do advogado estava um masso de papeis que elle ia gradualmente apresentando ao que figurava ali de seu cliente. Este passava-os pelos olhos, escrevia a lapis notas em uma folha á parte, e restituindo os documentos já examinados, recebia outros. O silencio d'esta scena era unicamente interrompido pelo cicio das folhas de papel, e pela bronchite chronica do respeitavel doutor hamburguez.

Estava para bater uma hora depois do meio dia. O sol doirando as aguas do *Binnen-Alster*, que dão character amphibio ao lindo e elegante parallelogramo do *Alsterdamm*, reflectia nas vidraças de dois lados da praça, e augmentava o esplendor d'este bairro da antiga cidade de Carlos Magno, que o braço poderoso do commercio hamburguez fizera resurgir mais bello e senhoril do pavoroso incendio de 1842.

O velho ouvindo dar uma hora, levantou-se, e disse para o seu interlocutor:

— Não posso demorar-me. São horas da Bolsa.

— Pois tambem lá tem negocios, senhor doutor?

— Certamente. Na Bolsa é que eu vou conferenciar todos os dias com os meus clientes. Na arcada interior cada negociante tem o seu logar certo onde está a horas determinadas, e lá se tratam os principais negocios de Hamburgo. Tenho clientes a cujo escriptorio e casa particular nunca fui.

— É uma singularidade de Hamburgo.

— Diga antes que é uma economia de tempo, e muito natural em terra tão dada ao trafego commercial. Eir sinto ter de ausentar-me.

— Não tem duvida, respondeu o mais moço, levantando-se também e indo até á janella onde por civilidade e com attitude de despedida o doutor foi ter com elle, não tem duvida. Eu cá irei examinando os papeis restantes, e se o senhor doutor quizer vir á noite tomar chá comigo, resolveremos de commum accordo todas as difficuldades. Vejo em alguns d'esses papeis que as minhas ordens de Londres foram executadas.

— Com a maior pontualidade. As letras saccadas pela casa de Oliveira e C.^a de Coimbra, e não acceitas ou não pagas por Bergenstein foram logo acceitas ou pagas por meu irmão na qualidade de mandatario de Manoel de Oliveira.

— Muito bem. E para Coimbra não mandaram dizer coisa alguma? Creio que Manoel de Oliveira está para Lisboa, e os caixeiros ficariam sabendo o que elle não gosta que elles saibam.

— Meu irmão, como correspondente da casa, escreve para lá regularmente ácerca do andamento da liquidação, mas não trata das letras. Em Coimbra, supponho que esperam o retorno sem temor. O primeiro caixeiro não escreve palavra a tal respeito. Muito rico deve ser Manoel de Oliveira.

— Oh! É riquissimo. Em quanto as letras se pagam aqui com o dinheiro que elle tinha no banco de Londres, cuida lá o guarda livros que se hão de pagar com as sommas que estão na caixa.

— É verdade. É uma grande casa! E agora dê-me licença que são horas. Até á noite.

— Até á noite, meu caro doutor.

O doktor Bieder partiu apressadamente para a Bolsa, e o seu cliente ficou ainda algum tempo á janella saboreando a pureza do ar, e admirando o esplendor do sol que não cuidava fosse tão formoso nas terras do norte. As galas de primavera que começava a ostentar a natureza, embora mesquinhas em comparação de outras que elle observára em mui affastadas latitudes, produziã no seu espirito a sensação melancolica que sempre causam em quem sabe que lhe restam poucos annos de vida.

Ha n'esses mais apego ás coisas da terra. Olham com antecipada saudade para tudo quanto os cerca, e sentem que esteja proximo o

dia de renunciarem tão formoso patrimonio. A idéa da morte está sempre com elles. Na tristeza que lhes inspiram os sorrisos da natureza começa a agonia lenta a que os condemnou a caprichosa molestia.

O resto d'aquelle dia serviu para completar o exame dos papeis. Á noite quando chegou o doutor Herman, estavam todos lidos, e concluida a serie de apontamentos começada antes das horas da Bolsa.

— Senhor doutor Krath, examinei todos esses papeis e as notas que escreveu em cada um d'elles. A liquidação será insignificante. Não vale a pena gastar tempo com ella. As letras estão pagas. Era o principal. O mais fica a seu cargo, se mais ha que fazer n'este negocio.

— Eu creio que pouco haverá, respondeu o doutor. Bergenstein fugio. Não apparecem os principaes livros da casa. O activo existente e palpavel é quasi nullo. O melhor é deixar correr a fallencia, e receber o que receberem os outros credores.

— Esse é o meu parecer, e por isso conto partir amanhã para Portugal.

— Vai por Inglaterra?

— Não. Bem me basta o tempo que lá andei por aquelles nevoeiros de humidade e de pó de carvão.

— Mas a casa de Oliveira tambem perdeu grande quantia em Londres com a quebra de Smith e Davis, segundo ouvi dizer a meu irmão.

— Perdeu muito, sem duvida. Uns duzentos contos, porém não havia letras como aqui. Eu vou para Portugal por terra. Não posso com o enjoo. Por isso fujo sempre de embarcar, e mais confesso-lhe que já me tarda voltar á patria.

— Tambem ha tantos annos que está ausente!

— É verdade, meu doutor, replicou o cliente com um entranhado suspiro. Ha vinte annos! É tempo de ir respirar o ar natal. Nós somos como as galinhas que ao chegar da noite vão entrando para casa e tomando logar na capoeira. No declivio da vida tambem carecemos de voltar ao ninho paterno, e de nos abrigar á sombra das arvores que nos viram nascer, e que hão de orvalhar amorosamente o nosso tumulo.

— Passou o resto do serão em diferentes conversações ácerca dos melhoramentos de Hamburgo, do grande numero de estabelecimentos de caridade que ali se encontram, e da riqueza e importancia commercial com que a cidade adquiriu a denominação de Pariz da Allemanha. Até da *Aalsuppe* fallaram, especie de sopa de enguia em que entram frutas e tudo quanto ha na criação, deixando muitas vezes de figurarem n'ella as enguias por não as haver no mercado do peixe! E todavia o nome d'esta honorosa comida tão estimada em Hamburgo quer dizer em vulgar *sopa de enguia!*

— Não sei se aqui no hotel lh'a deram boa, dizia o doutor vendo

que o seu cliente desdenhava da *Aalsuppe*, mas se a comesse em minha casa havia de gostar.

— Talvez, meu caro doutor, mas olhe que a iguaria que me serviram aqui com essa designação, tinha o gosto mais indiabrado que o meu paladar tem experimentado desde que se incumbiu de saborear os guisados que eu como.

— Com tudo não ha hamburguez que não goste da tal sopa, e os estrangeiros com o tempo acostumam-se, e gostam d'ella como nós todos.

— Bem sei. Bem sei. Até se publica diariamente nos jornaes o nome da casa de pasto que offerece n'esse dia a *Aalsuppe* aos seus freguezes. Eu não duvido de que os estrangeiros se acostumem ao tal guisado. Tambem eu me habituei a comer mangas em Angola e no Brasil, e mais no principio parecia-me ao sentir aquelle sabor de resina, que estava mordendo em uma casca de pinheiro!

— Pois antes de partir, replicou o doutor, desça a um dos nossos restaurants, que apesar de serem nos subterraneos das casas são tão bons como os que resplandecem em sallas doiradas, e verá que lhe ha de acontecer como lhe succedeu com as mangas.

O cliente do doutor Krath não pode seguir o conselho que com patriotica insistencia lhe dera o advogado, porque no dia seguinte partiu para o Hanover donde sem demorar-se passou a Colonia. Ahi depois de ver a cathedral, de entrar na casa onde nasceu Rubens, e onde foi morrer a infeliz Maria de Medicis, e de examinar as demais, curiosidades da patria de Agrippina e de S. Bruno, e não se esquecendo de averiguar qual era o verdadeiro *Farina* e quaes os falsos que em vez de agua de colonia exportam agua do Rheno, embarcou no vapor que todos os dias leva rio acima até Moguncia numerosos esquadrões de parisienses enfastiados, e de esguias e desengonçadas inglesas.

Não o acompanhemos n'esta encantadora viagem. Deixemos ir o ronco rival dos vapores do Tejo, cortando vagarosamente as aguas até Bonn, onde ninguem se esquece de perguntar, se a casa de Bethoven, na rua que chamam do Rheno ainda conserva o numero 934. Em quanto os passageiros escutam ao avistar Nonnenwerth a narração dos amores do famoso Roldão sobrinho do imperador Carlos Magno, contada por um velho vencedor de Leipsig em francez germanizado, e em quanto ouvem as lendas de Bornhöfen e de Conrado de Boppard, e a historia de Genoveva de Brabante, de seu marido Sigefredo, e do desleal amigo Golo de Drachenfels, digamos quem era o cliente do doktor Bieder, e porque motivo os negocios de Manoel de Oliveira o haviam trazido a Hamburgo muito de caso pensado segundo parecia.

Não faltará occasião em que o leitor aproveitando a facilidade das communicções que diariamente se accrescenta e desenvolve, empre-

henda esta formosa digressão, e veja com os seus proprios olhos o que mui imperfeitamente lhe poderia eu descrever aqui. Talvez ainda resumindo em poucos livros as notas de onze annos de viagens quasi continuas eu proprio me aventure a ser chronista especial das romanticas tradições do Rheno, sem carecer de quebrar o fio d'esta veridica historia, como agora teria de acontecer.

(Continúa.)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

CECILIA

ACTO SEGUNDO

Sala no palacio da condessa do Prado

SCENA I

CECILIA E LEONOR

Cecilia sentada junto á banca tendo um livro aberto diante de si.



o que te digo, minha Leonor; não sei porquê, mas nunca o mundo me pareceu tão lindo, nem me senti com tanto amor pela vida como hoje. Vejo tão alegre tudo! mesmo o que d'antes menos me prendia a atenção agora me agrada e surprehende. Olha, hontem quando passeavamos no jardim e tu te queixavas do meu silencio, mal pódes suppôr, é que não imaginas mesmo, em que eu ia scismando e como a alegria me inundava o coração. Parecia-me tão bella a noite!... e entretanto eu tenho visto já muitas noites assim; mas nunca a lua me pareceu tão linda, nem supuz que me fizesse pensar e sentir como eu pensava e sentia então. E com a musica, olha, com a musica tem-me acontecido tambem o mesmo. Eu já nas Selesias tocava, mas não como toco hoje, que me sento ao pianno e sem saber porque, sinto que os dedos a correr o teclado me dizem coisas como se fossem falladas...

É como estes versos que estou lendo;... pois eu já os tinha lido mas não como hoje que os leio e percebo e me fazem sentir e scismar como se eu mesmo os fizesse! E não sabes Leonor, não me podes dizer porque seja isto assim?..

LEONOR — É que a menina está já com os seus 16 annos e n'essa idade nunca o mundo pareceu feio a ninguem.

CECILIA — Ora com os meus 16 annos.... e quantas meninas conheço eu d'essa idade que são o inverso do que eu hoje sou. Olha, tu não vês, tu mesma me tens dito já que não é proprio dos meus annos este pensar e scismar em coisas que nem eu sei, que te não disse nunca, e que se dissesse te haviam de surprehender e admirar de certo...

LEONOR — Pois em que pensa e scisma a menina?

CECILIA — Ora...

LEONOR — Não é assim que eu o hei de saber...

CECILIA — Ora.. penso, scismo e sinto... vês, Leonor, sinto...

LEONOR — Mas que sente a menina?..

CECILIA — Ai, que nem tu sabes o que é sentir!

LEONOR — Então! se eu não aprendi essas fallas que a menina aprendeu nos livros... Eu não sei nada, sei só que a estimo muito, que lhe quero tanto como se fosse sua mãe, e quem me diz mesmo que lhe não quero mais! .. porque mãe sou eu do filho que pela menina deixei, e de quem me não lembro quando estou ao seu lado...

CECILIA — Tu és uma boa e mui fiel aia, minha Leonor: quando eu casar has de ir comigo, se eu houver de sair da companhia de minha mãe.

LEONOR — Vou, pois não havia de ir! Mas a menina casar, ora! quando será isso... Sua mãe, a sr.^a condessa não falla em tal, e seu tio o sr. D. Christovão, esse... lá esse as suas idéas eram todas que a menina casasse com seu primo o sr. D. Alvaro... mas vejo tão fria essa inclinação...

CECILIA — Pelo primo Alvaro, Leonor! És muito esperta se não percebeste ainda que não gosto nada d'elle. Olha Leonor, se eu casar, não ha senão um homem, com quem eu possa casar, se casar, advinha com quem é, diz-me, Leonor, com quem te parece que é?

LEONOR — Eu sei!...

CECILIA — Pois não te lembras de ninguem.

LEONOR — Não, menina.

CECILIA — Oh! Pois ha só um homem n'este mundo!

LEONOR — Para casar com a menina ha só um que conheço, é aquelle que a sua familia lhe destina!

CECILIA — Ainda outra vez meu primo Alvaro... Não quero que me falles mais n'elle.

LEONOR — Não fallarei, basta, estarei callada; mas sempre desejava saber quem era o escolhido.

CECILIA — Desejas saber isso?

LEONOR — Se desejo...

CECILIA — Pois bem esse escolhido é...

LEONOR — É...

CECILIA — O visconde de Souzel.

LEONOR — (*aterrada*) Oh! menina!... diga-me que não está brincando com a sua aia faltando á verdade para lhe metter medo.

CECILIA — Pois o visconde póde infundir-te terror! teres medo do visconde! (*Rindo*) medo, oh! meu Deus! muito medrosa é a minha aia!

LEONOR — Sr.^a D. Cecilia a menina ~~ha~~ de prometter-me, que nunca mais me torna a fallar no sr. visconde.

CECILIA — Eu! pois eu promettia tal coisa! (*Rindo*) Olha, Leonor, vaes perder os sentidos de aterrada, já lhe escrevi; eu, escrevi já ao visconde...

LEONOR — Menina!

CECILIA — Escrevi, sim, e vés, não tenho medo... rio, e conheço mais o visconde que tu propria o conheces.

LEONOR — Jesus, menina, que desgraça!

SCENA II

Os mesmos e D. CHRISTOVÃO DE SOUZA

D. CHRISTOVÃO — (*Entrando pela porta do fundo que deita sobre o jardim, e dirigindo-se a Cecilia*) Sempre a mesma occupação de espirito, não fallas, não tocas já, pozeste de lado os teus trabalhos de bastidor, esqueceste as flores do teu jardim, e és toda leitura... Só os livros te prendem a attenção. Não te queria tão douctora, minha Cecilia, nas Selesias não te ensinavam só a ler de certo. Ora vamos (*sentando-se defronte de Cecilia e tomando nas suas as mãos d'ella*) conta-me o fio d'essa historia que ha de ser bem linda de certo para te prender em casa... assim, com uma tarde d'estas...

CECILIA — (*com meiguice mostrando o livro*) Veja... são versos; são uns lindissimos versos de que meu tio gostaria muito se os lesse.

D. CHRISTOVÃO — Já não sou para ler poesia, nem para ler coisa alguma... Os olhos do corpo... esses teem a vista cançada pela

idade, e os da alma, querida filha, só os não sinto cegos quando te vejo.

CECILIA — Se eu sou, se meu tio diz que sou, a luz de seus olhos, como não ha de ser isso assim?

D. CHRISTOVÃO — És, filha, e por isso mesmo te não queria tão distrahida pela leitura, farias melhor companhia a teu tio se não fossem os teus livros. Estive toda a tarde só; esperei-te debalde no terrasso do jardim, pensei que sempre fosses com a tua aia vér as camelias, que estão tão lindas, e não foste; pois saiba que me não esqueci de quem tão mal me paga os meus cuidados e lembranças. Veja que lindo ramo lhe trago... faz honra á primavera.

CECILIA — (*tomando o ramo das mãos do tio.*) Como é bonito! Que lindo ramo! e esta camelia branca, que belleza!

D. CHRISTOVÃO — É da roseira que o visconde te deu.

CECILIA — E dizia o meu tio que talvez esta não dêsse flôr! ainda bem que assim não foi.

D. CHRISTOVÃO — Porque querias mais a esta roseira que ás outras.

CECILIA — Não, mas era uma semsaboria que ella seccasse, tendo-ma dado o visconde e dizendo-me que era bonita; e é, que se não fosse, tambem elle m'a não dava de certo...

D. CHRISTOVÃO — Creança! Dize-me: tua mãe ainda não veio!

CECILIA — Não deve tardar muito.

D. CHRISTOVÃO — Sabes quem aqui esteve hoje comigo, — teu primo Alvaro!

CECILIA — Não sabia.

D. CHRISTOVÃO — Que tom com que dizes isso: fingida!! quer-me fazer creer que não sabia... pois a tua aia não t'o disse?

LEONOR — A menina não m'o perguntou e não me lembrei de dizer-lho.

D. CHRISTOVÃO — É o mesmo, deixaste-me ganhar as alviçaras pela boa nova.

CECILIA — Não é boa, nem má a tal nova.

D. CHRISTOVÃO — Cecilia, teu primo é muito bom rapaz.

CECILIA — Eu não digo que o não seja, meu tio.

D. CHRISTOVÃO — É um rapaz que não parece da epocha; concertado, com uma educação e caracter que o fariam valer muito quando não valesse o que vale pelo nome que herda e pela familia que representa. Era o melhor dos maridos que eu poderia dar a minha sobrinha.

CECILIA — Eu não me quero casar, meu tio.

D. CHRISTOVÃO — Leonor, que te parece a tua menina? Criaste-

me uma freira. Vês, troca o mundo pela soledade do claustro, a minha Cecilia.

CECILIA — Troço tudo pela companhia de minha mãe e de meu tio.

D. CHRISTOVÃO — Mas não os has de ter sempre, Cecilia.

CECILIA — Hei de tel-os sempre, que assim o peço a Deus. Depois, se os perdesse, diz-me o coração que não ficaria orphã no mundo porque morreria tambem.

D. CHRISTOVÃO — Illusão de quem pensa pouco, e de quem não conhece o coração. A saudade não mata, filha; os olhos que choram sobre um tumulto elevam-se depois para o céo, e encontram n'elle a esperança que nos resgata da dôr.

CECILIA — Não é isso o que o coração me diz.

D. CHRISTOVÃO — Mas é o que o futuro te ha de dizer.

CECILIA — Pois seja, o futuro é de Deus e eu só me quero com o presente. Deixemos coisas tristes. Leonor, abre-me o piano: quero que meu tio ouça uma muito bonita walsa que aprendi, foi a favorita dos bailes este inverno.

D. CHRISTOVÃO — Foi? E quem te disse tudo isso.

CECILIA — O visconde foi quem m'o disse. Elle gosta tanto de bailes; diz-me sempre que é tão bonita coisa um baile.

D. CHRISTOVÃO — Ora, os bailes, sempre os bailes. Se fosses ao primeiro, deixavas logo de querer ir ao segundo.

CECILIA — Só se fosse para ir ao terceiro, quarto e quinto.

D. CHRISTOVÃO — Louca! appetite de quem tem 16 annos; pois has de ir e mais cedo do que pensas...

CECILIA — Mas não me esteja a illudir, diga-me, vou, é verdade que vou...

D. CHRISTOVÃO — Vaes, sim, Mariposa, seduz-te a luz que te ha de queimar...

CECILIA — Leonor, vês, vou a um baile, Leonor.

LEONOR — E a menina sabe já se sua mãe a deixa ir?

CECILIA — O tio que diz que vou...

D. CHRISTOVÃO — Tens rasão, has de ir, e tua mãe vae contigo tambem.

SCENA III

Os mesmos e a CONDESSA DO PRADO

CONDESSA — Adeus, Cecilia, como passou a minha filha? (*beijando-a*). Está o tio revendo-se na belleza da sobrinha.

D. CHRISTOVÃO — Condessa, é o sol d'este inverno.

CONDESSA — Que tem ella feito por cá? Hão de ter rido e conversado muito...

D. CHRISTOVÃO — Hoje, só uma idéa lhe namora a phantasia; prometti-lhe que havia de ir a um baile, está doida de contente a pobre creança.

CONDESSA — É justo que vá, uma menina como Cecilia está em idade de apparecer no mundo.

D. CHRISTOVÃO — Eu já lhe offereço um par... seu primo Alvaro...

CECILIA — (*Com seriedade*) Posso não dançar tambem.

CONDESSA — Está tão triste o Alvaro! Ainda ha pouco notei o contraste com o visconde de Souzel. O visconde alegre sempre, com aquelle brilho de imaginação, com aquella vivacidade de espirito que todos lhe conhecemos; e o Alvaro sempre pensativo, sempre distraído, absorvido sempre não sei por que idéa que na realidade o compromette no conceito de quem só o apreciar pelo seu silencio.

D. CHRISTOVÃO — Antes isso; antes essa indole reflexiva de espirito, do que a indole expansiva do character do visconde. Um homem que falla de todos, que ri de tudo, que falla e ri de seus proprios defeitos sem pretender corrigil-os...

CONDESSA — Ninguem por isso mesmo o alcunhará de hypocrita. O visconde com effeito tem pouco a agradecer-lhe.

D. CHRISTOVÃO — Porquê? extranha a censura?

CONDESSA — Não a extranho, porque mais de uma vez lh'a tenho ouvido já; acho-a injusta apenas, é por isso que a noto.

D. CHRISTOVÃO — Condessa! no coração da mulher ha perdão para todas as culpas.

CONDESSA — Nem sempre.

D. CHRISTOVÃO — Sempre, quando lhe falla o coração e a razão emmudece.

CONDESSA — (*A meia voz*) Christovão, os devaneios da sua imaginação não lh'os quero eu ouvir, quando Cecilia os ouça tambem!

D. CHRISTOVÃO — A pobre creança... (*chamando-a a si*) ella nada sabe, nada póde saber por ora de taes coisas...

CECILIA — Que diz o meu tio?

D. CHRISTOVÃO — Digo que és o retrato de teu pae.

CECILIA — Sim? Pareço-me com elle? Acha que me pareço com elle!

D. CHRISTOVÃO — Pareces...

CECILIA — Com elle talvez, mas com o retrato d'elle de certo não.

D. CHRISTOVÃO — É que teu pae nem sempre foi assim. Fize-

ram-n'ò tal os cuidados e tribulações da vida; mas ainda antes de partir para aquella malfadada viagem que para sempre o havia de roubar aos seus, ainda então, apesar dos desgostos que lhe ralavam a existencia, era um perfeito e guapo moço...

CECILIA — Também nunca me disseram, e tantas vezes o tenho perguntado já, porque se foi elle assim para tão longe dos seus, e tão contra sua vontade; porque ainda me lembra bem, ia tão triste, chorava ao separar-se de mim, que parecia saber já que nunca mais tornaria a vêr-me.

CONDESSA — Oh filha! pois não l'ò teem dito tantas vezes! Não te disseram já que os negocios de sua casa o levaram a Londres e que lá o prendeu a obrigação que tem todo o pae de familia, de acudir pelo que é seu, pelo que ha de ser de seus filhos também...

D. CHRISTOVÃO — (*Com intenção*) É verdade, Cecilia, é verdade, filha, que não foi teu pae homem de esquecer os deveres que a sua posição lhe impunha.

CECILIA — (*Com affectação*) O dever... ora, o dever!... O dever é a mais pesada cadeia que a nossa existencia arrasta...

D. CHRISTOVÃO — Quem te disse isso, filha!... (*Em tom de sobresalto e espanto*).

CECILIA — Ninguém m'ò disse. Li-o em um livro que minha mãe tem.

SCENA IV

Os mesmos e um criado trazendo sobre uma salva de prata uns bilhetes de visita que entrega á CONDESSA DO PRADO

CONDESSA — (*Lendo o bilhete*) É possível! Emma, a grande actriz em minha casa! (*para o criado*) Que entre. Talvez me venha fallar sobre o convite que lhe dirigi.

D. CHRISTOVÃO — Cecilia, vem, filha, aproveita esta occasião para dares um pequeno passeio antes de cair a noite (*sáem*).

SCENA V

CONDESSA *só*.

Aqui está em que deu a minha irreflectida annuencia á proposta das minhas collegas na direcção do asylo!... Vejam lá como esta gente sabe aproveitar toda a occasião de se nos metter em casa com a mesma sem cerimonia com que entram no palco. (*Pausa*). Não saberá escrever esta mulher! Talvez: esta aristo-

cracia do talento é tão ignorante ás vezes... E ter eu de a aturar, e de a receber... Nem eu sei como esta gente se recebe; talvez espere que lhe dê excellencia; é possível! (*com orgulho*). É bem feito: que a culpa é nossa.

SCENA VI

CONDESSA e EMMA

CONDESSA — Muito estimo ter a honra, por muitos desejada de certo, de receber em minha casa a primeira gloria do nosso theatro.

EMMA — Minha senhora, a honra sou eu de certo que a recebo, e tão grande a considero, que me não animaria a vir aqui, se não acreditasse que á virtude de caridade anda unida a da humildade. A protectora dos desgraçados, e dos mais infelizes de todos elles, dos pobres orphãos desvalidos, não pôde sentir nunca se não o orgulho de fazer bem...

CONDESSA — Ora, pelo amor de Deus é muita bondade da sua parte. Eu tenho muita culpa a remir, e oxalá que Deus acceite todo o bém que faço pelo mal que tenho feito. Diga-me, recebeu a carta que como directora do meu asylo lhe dirigi?

EMMA — Recebi, minha senhora, e venho agradecer pessoalmente acceitando o convite com que me honra.

CONDESSA — Não era de esperar outra coisa dos seus sentimentos. Era impossivel que deixasse de sympathisar com a dôr que pretendemos aliviar. São tão infelizes os pobres orphãos! Valem tanto o amor de um pae e os carinhos e affagos de uma mãe; nada os compensa, mas tudo que fôr proteger os desgraçados a quem elles faltam, tornando-lhes menos sensivel tão grande perda, é uma obra de caridade, que Deus acceitará como grande virtude.

EMMA — É de certo.

CONDESSA — Por isso lhe agradeço reconhecida o grande e valioso auxilio com que se presta a ajudar-nos em uma obra tão meritoria.

EMMA — É muita bondade sua, senhora condessa. O meu talento vale pouco, e o serviço que por elle presto aos desgraçados orphãos, interessando-me em um beneficio a seu favor, não merecia de certo as expressões de agradecimento que me dirige.

CONDESSA — Não diga tal; nas suas circumstancias quando a fortuna nos sorri com todo o brilho de uma grande felicidade,

raras vezes se pensa na desgraça que se não cre´ possivel, porque se desconhece.

EMMA — Senhora condessa, as apparencias illudem. Eu não sou feliz.

CONDESSA — É possivel!

EMMA — A desgraça já por mais de uma vez me bateu á porta, e hoje mesmo quando choro sobre a orphandade, é menos de mim que me lembro, que fui desgraçada orphã tambem, do que de um infeliz a quem por muitos motivos desejava que o amparo da sua associação acudisse e valesse protegendo-o.

CONDESSA — Pois não, falle e conte com segurança sobre a sympathia que me merece.

EMMA — Senhora condessa, venho aqui com o coração apertado de dôr confessar a quem sabe o que é o mundo, um erro, que a vergonha que tenho confessando-o, me não absolve de ter commettido. Eu sou por uma fragilidade de mulher, de que o orgulho da minha dignidade me não eximio, cúmplice de um grande crime, de haver dado a existencia a um dos muitos infelizes que a sociedade abriga no seu seio com o epitheto affrontoso de engeitados.

CONDESSA — Que diz!

EMMA — Esse pobre infeliz nunca saberia o nome de sua mãe, senão quando esta sem córar lhe podesse ensinar o de seu pae; mas isso hoje é impossivel; e essa desgraçada victima da fraqueza de uma mulher atraçoada agora por uma especulação miseravel, será orphã porque seu pae a renega pelo vil interesse de um casamento de conveniencia.

CONDESSA — Pois ha tão desnaturado pae que tal faça?

EMMA — Sempre os houve, senhora condessa!

CONDESSA — Mas esse homem é uma despresivel creatura...

EMMA — Esse homem é o visconde de Souzel...

CONDESSA — O visconde de Souzel!.. (pausa). Oh! É extranha a sua confidencia! mas pelo amor de Deus, eu não posso, não sei que possa fazer coisa alguma em uma questão, a que sem quebra da minha dignidade não posso deixar de me confessar sempre alheia. (Com ironia e azedume). O mundo importa-se pouco com as faltas só registadas na chronica mysteriosa de qualquer vida como a sua. Desgraçada como diz que é, não tem sequer o merecimento da originalidade: é o capitulo vulgar do romance, que se não escreve, mas inspira sempre a mulher nas circumstancias em que a fortuna a collocou.

EMMA — Senhora condessa, eu sou uma pobre mulher a quem Deus concedeu o raro talento de dar vida ás paixões, que se

traduzem na scena; e na sociedade em que vivo, mais obra dos homens, que de Deus, sei e reconheço bastante a humildade da posição que occupo para desejar que outros m'a recordem.

CONDESSA — Perdão; mas não me comprehendeu bem. A posição que o seu talento lhe dá na sociedade é brilhante, e se alludi ás condições em que a fortuna a collocou, é porque me referi á desgraça que a fraqueza de mulher chamou sobre si. Para essa não se voltam os olhos do mundo, senão para os desviarem logo, satisfeita a curiosidade da maledicencia; e rara será a pessoa, que movida de compaixão, tenha pela sua dôr a sympathia que me merece de certo.

EMMA — Assim... sou eu uma mulher perdida, sobre quem a senhora condessa se digna apenas lançar um raio da sua misericordia!

CONDESSA — (*Com orgulho*). E que outra coisa me veio dizer aqui?...

EMMA — Outra, e bem differente do que já disse. Venho dizer-lhe que o amor do visconde por sua filha Cecilia, é o obstaculo que se oppõe a que o visconde cumpra o que deve a si mesmo e a Deus, ligitimando o filho que renega pelo vil interesse de um casamento de conveniencia.

CONDESSA — Com quem?

EMMA — Casamento que será a desgraça da infeliz menina, e a eterna vergonha de sua mãe subjugada pelo mesmo affecto.

CONDESSA — Pelo amor de Deus, cale-se.

EMMA — (*Sem a ouvir*) E arrastada pela mesma mão ao abysmo que que eu desci; mas com maior vergonha e mais profundo remorso...

CONDESSA — (*Puchando do cordão da campainha*). Aqui só uma voz levanta esse tom, é a minha; e só uma pessoa pôde e sabe zelar os interesses de sua filha, sou eu. (*Despedem-se saudando-se com todo o respeito, diante do creado que apparece á porta para conduzir Emma*). Minha senhora...

EMMA — Senhora condessa... (*Sáe*).

SCENA VII

CONDESSA, só

CONDESSA — O ciume pôz-te veneno na lingua, mas a tua peçonha não mata... É o amor que te inspira tamanha ferocidade?! Véremos. (*Pausa*). Mas o visconde amar aquella mulher!... Eu devia

suppól-o, devia sabel-o mesmo quando a voz presaga do coração me advinhava n'ella uma rival. (*Com movimento de horror*). E não se me cobriam de vergonha as faces com taes ciumes! (*Deixa-se cair sobre um sophá, escondendo o rosto entre as mãos.*)

SCENA VIII

CONDESSA e VISCONDE

VISCONDE — Senhora condessa!.... (*Chegando-se mais perto d'ella e a meia voz*). Leonor!...

CONDESSA — (*Levantando-se e fitando o Visconde*). Visconde! ainda bem que o vejo aqui; morria de desesperação se o não visse agora. Tem-me visto altiva e soberba, queria tambem que me visse humilhada, humilhada a ponto de chorar as mais tristes lagrimas que uma mulher póde derramar, as que o despeito, a vaidade offendida e o amor ultrajado nos trazem aos olhos, espremendo-as do coração... Ai! (*Cahindo sobre o sophá*), não suppunha que fosse tão dolorosa a humilhação!...

VISCONDE — Mas que é, que foi, condessa, que humilhação foi essa!...

CONDESSA — É muita ousadia de mulher!... (*Pausa. Depois levantando-se com impeto, e dirigindo-se ao visconde*). Visconde! no coração da mulher ha remissão para todos os aggravos, menos para um, o do ridiculo. A distancia que nos separa hoje, é a que sempre se devia ter guardado entre nós. Se alguém, recebendo a inspiração de confidencias imprudentes que a intimidade provoca muitas vezes, pode vir insultar-me aqui em nome de um crime, que cáe sobre mim como uma nodoa de infamia, ao menos que esse alguém saiba e conheça, que a reparação foi prompta, e que entrego á tragica illustre o socio de seus amores clandestinos, e o digno pae de seu filho... (*Vae para sair e encontra-se com D. Christovão e Cecilia, que vem entrando pela porta do fundo.*)

CECILIA — (*Conversando com o tio*). E entretanto é uma bella vida aquella; uma vida de palmas e de flores!

D. CHRISTOVÃO — Para o mundo que só ouve as palmas, e que só vê as flores, que murcham mais depressa, que essas que apertadas na mão, Cecilia.

CECILIA — Fallavamos de Emma, minha mãe. Vimol-a passar de repente, escondendo-se no fundo da carroagem quando nos viu. Ia tão pallida!... (*Vendo o visconde e indo para elle.*) Oh! sr. visconde...

VISCONDE — (*Dirigindo-se a Cecilia*). Senhora D. Cecilia.
CONDESSA — (*Interpondo-se entre ambos*). Minha filha. (*Chamando-a a si*). Sr. visconde, perdão! (*em tom de pungente ironia*) de minha casa ao palco é grande a distancia... (*Depois vendo a pallidez subita de Cecilia exclama afflicta*). Minha filha! Cecilia! (*á parte*). Fallaria verdade aquella mulher? Oh! meu Deus!

Fim do 2.º acto

PEÇAS POÉTICAS DA TRAGEDIA

MEDEA

I

HYMNO DE CREUSA A DIANA

(Acto I.º)

Creusa (depondo aos pés da estatua de Diana as offerendas votivas)

Agil Deusa, que não canças,
Casta Deusa, que me vês,
Co'as minhas cortadas tranças
Estes dons ponho a teus pés:
N'um valle occulto, essas flores
Jámais as viram pastores,
Nem rebanho as profanou;
Só talvez, festivamente,
Das abelhas a aza ardente
Na primavera as roçou!

Como o valle recatado
Aos teus olhos vivi eu,
Mysterio não devassado
Mais que dos raios do ceu;
Mas o ermo intacto e umbroso
Vendo o corsel generoso
Logo o sauda senhor,
E os thesouros da espessura
Todos lh'os rende á ventura,
Sombra, e lympha, e relva, e flor!

Perdoa, ó Deusa ! Um delicto
 Não vês, que leves a mal,
 Se te deixo, e busco o rito
 De Latona maternal.
 Amor me impelle, e me falla !
 O amor, que tudo avassalla,
 E todos... menos a ti...
 Um jugo impõem tão profundo,
 Que o teu ser lhe deve o mundo.
 Sorri-me, ó Deusa !... sorri !

II

(Scena de Medéa e Jasão (*) — acto 2.º)

MEDÉA

Antes de emfim disporde
 O incerto meu porvir,
 Jasão, dizei-me aonde
 Me querem conduzir:

A's regiões paternas,
 Às terras do meu rei,
 Onde os thesouros patrios
 Por vós ao ceu rousei ?

Ao Phágaso, a Methónia,
 Onde a traição vos deu.
 Co'a morte do monarcha,
 O throno... que era seu ?

À Thracia, em cujas praias,
 Rugindo sem cessar,
 Do irmão, por vós prostrado,
 Os ossos rola o mar ?

Vejamos... Esta ausencia
 De certo vos convém ;
 Mas, antes da partida,
 Pensae... procurae bem...

* Sendo a primeira parte d'esta scena em prosa, coordenou-se aqui o principio da segunda parte para não ficar trunçado o sentido.

Que imperio recatado,
Que funda solidão
Ao rosto vos não vibra
Alguma negra acção?

Que selva, ou que deserto
Não guarda um ecco atroz,
Que em mim amaldiçoa
O que eu ousei... por vós?

Do mutuo laço a origem
Talvez já não sentis...
Talvez...—Se tantas cousas
Esquece o amor feliz!...—

Quem fez das nossas almas
A eterna, estreita união,
Não foi o amor sómente...
O crime foi, Jasão!

Pertence dos delictos
Quinhão igual aos dois...
E, cúmplice commigo,
Mais do que esposo sois!

JASÃO

Mulher!

MEDÉA

(Cada vez com maior agitação e vehemencia)

Se com meus philtros
Tolhi a meu irmão,
O ferro do assassino
Estava n'essa mão!

Negaes?... Jazia o triste
Rendido, inerme, e só,
E a espada lhe cravastes
No peito nú sem dó!

Em vão depois quizestes
Á sombra d'um altar
Nas lustrações do templo
A mácula apagar!

O moribundo em furia...
 Deslembra quem tal viu?...
 Alçando as mãos convulsas,
 Na chaga as immergiu!...

O sangue fumegante
 Às faces nos lançou...
 «Maldictos... fratricidas!»
 Bradou-nos... e expirou!

E cuidas que se pode
 Romper consorcio tal!...
 Não vês que o pacto scella
 O anathema fatal!...

Intendes que dois entes,
 Unidos n'este horror,
 Conseguem, fóra d'elles,
 Jámais achar o amor!...

Um animo, avesado
 A sangue derramar,
 Seus fados à innocencia
 Não pode associar!

Ai! não... Para este jugo
 Quebrares, qual te ouvi,
 Não basta, não, dizeres :
 «Mulher, vai-te d'ahi!»

JASÃO

Accaso vossos filhos
 Salvar não desejaes?

MEDÉA

Oh! cala-te! O seu nome
 Te infama e avilta mais!

Que esqueças, que me expulses,
 Traidor a mim e aos ceus,
 Intendo... esse attentado
 Commum foi sempre aos teus!...

Porém que os proprios filhos
 Invoques sem pudór,
 Nutrindo occultamente
 As chammas d'impio ardor!...

Excede ao crime a audacia...

(Com fulminante desprezo)

Provocas-me aversão!

JASÃO

Se o affecto em odio trocas...
 Dissolve a nossa união!

MEDÉA

(profundamente ironica)

Que facil, que modesto,
 Aceitas os desdens!...
 Oh! não! leio em tua alma
 O que em tua alma tens!

Se o novo amor encobres,
 Que os olhos te seduz,
 E, occulto o odio, acatas
 Da esposa o nome e o jus;

Se o livre accordo imploras
 Que livre te fará,
 E como escrava inutil
 Me não expulsas já;

Não são gratas memorias
 Do que eu por ti passei:
 É só temor de augurios,
 São ordens do teu rei!

(movimento de Jasão)

É isto... claro o vejo
 Na tua confusão!...
 Que eu diga: «sim» precisas?
 Pois bem... eu digo: «não!»

JASÃO

O que eu mandar podia
 Submisso te pedi...
 Mulher, que o teu destino
 Recaia sobre ti!

Medéa, supliquei-te
 A supplica foi van...
 Ordeno!... De Corinthe
 Proscripta és ámanhan.

Prosegue a sina errante;
 Vai, parte. — Eu fico, vês?

MEDÉA

Oh!

JASÃO

Fico-me em seus lares

MEDÉA

Jasão!

JASÃO

Fico a seus pés! —
 Por ti já respondeste:
 Respondo-te eu assim;
 E, livre, á nova esposa
 Consagro amor sem fim!

Creónte] sem meu braço,
 O estado arriscará
 E a filha em seus rigores
 Já vacillante está!

Quando ámanhã partires
 Expulsa d'este ceu,
 Hão de escoltar-te a fuga
 Meus cantos de hymeneo.

MEDÉA

(fóra de si)

Oh! cala-te!

JASÃO

Recusa;

És livre em recusar...

Que importa, se Creusa

Desposo a teu pesar!

Incumbe-te sómente

O fado teu medir,

E ver se contra os numes

Te podes insurgir!

Aos filhos dás o exílio,

Um throno aos filhos dás!

Escolhe:—n'essa escolha

Madrasta, ou mãe serás!

III

(Monólogo de Medéa no 3.º acto)

MEDÉA (*Sentada ao pé da estatua de Saturno, o braço encurvado, a face na mão.—Em cogitação angustiosa*)

Eis-me no mundo só... só n'um deserto...

Nem pae, nem filhos, nem esposo... nada!..

(*alçando a fronte indignada*)

Choras tu!... E Jasão?... Seu fado incerto
Em triumphos tornaste, malfadada!

Eu fui... Tudo lhe cedo com effeito...

Pesava-lhe esta união, a união desfaço...

Os filhos restituo-lh'os... e ao seu leito

Minha propria rival conduz meu braço!

(*Ponderando*)

N'aquelle veu, por mim contaminado,

Debalde me confio.— Se á donzella,

Esta noite, de seus rogos abalado,

Algum deus protector o ardil revela!...

Se em quanto expulsa fujo, e perseguida,
 Jasão, ditoso pae, feliz esposo,
 Do sólio nos degraus festeja a vida,
 Da noiva a par, dos filhos orgulhoso!...

(Erguendo-se impetuosamente)

Jasão a salvo rir dos meus ciumes!
 Jasão da minha dôr cingindo a palma!
 Numes do Averno, auxilio!—Vinde, ó numes,
 De sangue e prantos saciar minha alma!

Como hade ser, não sei... Quero em remate
 Um crime que não seja inda sonhado,
 E tal que em torno a mim um veu dilate,
 Denso de horror, de sangue salpicado.

Preciso que Jasão, o rei, Creusa,
 E até meus filhos.... Filhos tenho acaso?
 Sou eu mãe, quando já se me recusa
 Este nome no inferno em que me abraço?

Mãe lhe chamam, á mesma que traspassa
 De agudò espinho o peito que os anhella!
 De filhos têm-lhe o amor!.... Perfida raça,
 Teus votos cumpro, acabarás com ella!...

Eil-a, a negra vingança pavorosa,
 Que a Jasão mais ao vivo dará corte.
 Todos tres ama, em todos tres se goza..
 Em cada um dos tres padeça a morte.

Ai! morrerem-me assim!.... elles!.... morrerem!
 E ás minhas mãos!... Horrendo pensamento!....
 A quem mais do que a mim taes golpes ferem?
 Quem como eu sentirá a dôr que intento?..

E o teu supplicio, ó misera perdida!
 Teus filhos são, por quem tua alma deras!
 Primeiro expirarás de os ver sem vida,
 Pois que as proprias entranhas dilaceras!

Embora eu morra. Acabarei contente
 Se Jasão condemnar a eternas dôres,
 Se, tornando-lhe algoz meu crime ingente.
 Preza o fizer dos deuses vingadores!

Numes lethaes da Taurida sombria,
Tu, sobre todos, tu, cruento nume
Do culto infanticida, sê meu guia,
Tu attende, Saturno, ao meu queixume!

Saturno, escuta — escuta, deus possante!
Aos teus tristes altares desolados
Praz em ondas o sangue fumegante
Dos filhos pelas mães sacrificados.

Aqui l'a-empenho, essa oblação tremenda;
Eu t'o prometto, esse holocausto fero;
Mas em premio decide-me a contenda:
Não por juiz, por cúmplice te quero.

Fixa ao peito infiel eterno abutre,
Que o traidor coração devore eterno;
E a execranda paixão que n'alma nutre,
Ali lh'a dobra..... por dobrar-lhe o inferno.

Torna o duro Jasão piedoso e manso,
Torna-o bom, torna-o grato.... pae in summa,
Para que os filhos chore sem descanço,
Como só a que é mãe chorar costuma.

Corra a terra em delirio vagabundo,
Ludibrio do universo e do seu fado;
Solitario, entre o assombro e o horror do mundo,
Viva e morra, como eu... desesperado!

J. S. MENDES LEAL JUNIOR

PALESTRAS SCIENTIFICAS



m inesperado desastre, uma grande calamidade, uma dôr immensa e pungente vieram dar subitamente sentido interesse á doutrina que no seguinte artigo se expende.

Escrito em agosto, não o deixei entregue á redacção da *Revista Contemporanea* por motivo da minha repentina sahida de Lisboa.

Mal pensava eu ao escrevel-o, que, antes de o entregar ao prélo, teriamos de derramar amargas lagrimas sobre novas e tão illustres victimas da nossa indiferença pelas causas que alteram a pureza do ar atmospherico, e sobre as quaes pertendia chamar a attenção dos leitores

Tive ainda a tentação de acrescentar este artigo e de introduzir n'elle considerações suscitadas pelo infausto acontecimento, que todos deploramos, mas receando, ser dirigido n'este empenho mais pela paixão do que pela sciencia, e em prejuizo da verdade, abstive-me de o fazer, e deixei-lhe a sua fôrma e extensão primitiva.

IX

Ha longo tempo que os medicos e os chymicos se preocupam com a existencia d'esses principios deleterios, que circulando no ar, podem ser accusados como origem de tantas enfermidades, que continuam a affligir as populações descuidadas e imprevidentes.

De que natureza são esses principios? Em que condicções e circumstancias se produzem? Como se demonstra que são elles a causa dos maleficios que se lhes attribuem?

É da chymica e da medicina que se esperam as respostas a estas questões. Os chymicos e os medicos não as desemparam; os estudos e as investigações continuam; mas tambem é certo que ainda não possuímos todos os documentos necessarios e indispensaveis para as resolver de um modo definitivo em toda a sua plenitude e extensão.

E poderá rasoavelmente exigir-se, n'estas regiões da sciencia, uma resolução definitiva e irrevogavel em questões tão complexas?

A materia suspeita occulta-se na sua tenuidade, tornando-se impalpavel e invisivel, de sorte que o seu estudo se prende com o mundo dos infinitamente pequenos, mais difficil de observar e mais incerto e caprichoso do que o mundo telescopico dos astros immensamente distantes.

Porém uma questão, por ser difficil e complexa, não é insolavel. Os descobrimentos que o espirito humano tem até hoje conseguido fazer nos arcanos da natureza, dão-lhe o direito, e impoe-lhe até a obrigação de proseguir no caminho das suas uteis e gloriosas conquistas.

É difficil dizer até onde tem chegado a chymica na questão que nos occupa

A experiencia e a observação mostram que nenhum dos corpos gazozos, que mais constante ou frequentemente se encontram no ar, pôde ser suspeito de originar essas enfermidades, que devastam ou deterioram populações inteiras e que são o maior flagello de certas regiões.

N'este caso estão o azote e o oxigenio que por si sós constituem o ar vital, o unico meio proprio á respiração dos animaes superiores. Tambem o vapor da agua e o acido carbonico, cujas propriedades são bem conhecidas, cuja acção sobre a economia animal está bem estudada, são n'este ponto insuspeitos. As minimas quantidades de ammonia e de acido azotico, que a natureza ministra, por intermedio do ar, como alimento aos vegetaes, estão no mesmo caso e encontram-se até nos logares em que a atmosphaera é mais salubre.

O sr. Boussignault parece haver reconhecido muito recentemente que na decomposição, que o acido carbonico soffre debaixo da acção da

luz, na parte verde das folhas e em presença da agua, se produz o oxido de carbonio, aquelle mesmo gaz, eminentemente deleterio, que nas cazas ou espaços limitados, em que se queima o carvão, é a causa principal das frequentes asphixias, ou antes envenenamentos, de que se contam por centos as victimas voluntarias, porém os effeitos, que esse gaz produz sobre a economia animal não se podem de modo algum confundir com as perturbações a que nos referimos.

O proto-carbureto de hydrogenio, chamado tambem o *gaz dos pantanos*, por que se encontra no ar que se desprende do lodo das aguas corruptas, e que Saussure, primeiro que nenhum outro chymico, reconheceu dessiminado no ar livre, apparece mais frequentemente, e em maior abundancia no ar das minas de carvão de pedra: é ali origem de grandes desastres, por ser inflammavel e formar com o oxigenio do ar mistura explosiva; surde elle tambem em muitos logares da terra formando fontes de gaz, que se pôde accender, e algumas das quaes ardem desde tempos immemoriaes: mas em todas estas circumstancias não determina a apparição das febres intermitentes, ou de outras quaesquer epidemias e doenças miasmaticas.

Póde asseverar-se o mesmo relativamente ao gaz sulfhydrico ou hydrogenio sulfurado, tão conhecido pelo cheiro de ovos podres, apesar de que alguns menos avisados lhe teem querido attribuir a origem d'essas perturbações. O gaz sulfhydrico produz-se, entre outras circumstancias, na decomposição das materias organicas que teem o enxofre entre os seus elementos constituintes: é veneno terrivel, mortifero para os animaes, e para as plantas, mas os seus effeitos toxicos em nada se assimelham aos que se manifestam nas affecções paludosas. Nos estabelecimentos de banhos sulfurados, em cujas aguas abunda o sulfhydrico, que lhes dá a força e virtude, nos logares em que se accumulam os despejos das cidades, nas proximidades dos volcões lodosos, como aquelles que na Toscana se conhecem com o nome de *suffioni*, existe incomparavelmente mais sulfhydrico em mistura com o ar do que nas visinhanças dos pantanos perigosos e doentios; e contudo basta alguns momentos de demora, ao romper do dia ou na proximidade da noite, perto d'estes ultimos, para contrahir uma d'essas febres que muitas vezes malignam, e resistem a todos os esforços da medicina; em quanto que o ar das primeiras localidades, apesar de incommodo pelo cheiro, e cujo vicio se denuncia pelo enegrecimento da prata, pôde ser respirado por muito tempo, e até habitualmente, sem que taes febres nos accommettam.

Abstenho-me por em quanto de discutir a opinião de um observador moderno que pretende que as febres, que se manifestam em certos logares da Argelia, tem por origem o phosphureto gazozo de hydroge-

nio, gaz que em muitas circumstancias se produz, e principalmente na decomposição ou podridão das materias animaes que contem o phosphoro, e que é aquelle mesmo gaz que nos cemiterios, em noites calmosas do estio, produz os pequenos luzeiros bruxeliantes, que vagam de espaço em espaço para terror do vulgo, que n'elles vê as almas do outro mundo. Esta opinião a que me refiro é apenas uma opinião isolada, e as observações, em que se funda, não teem ainda, e difficilmente alcançarão, auctoridade sufficiente para lhes dar força e consistencia.

Não podemos, portanto, attribuir as causas d'esta especie de viciação do ar, que n'este momento nos preoccupa, aos compostos gazozos de constituição definida, que constante ou accidentalmente se encontram na atmospherá, e cujas propriedades, tendo sido largamente estudadas, são hoje bem conhecidas.

A connexão, sempre observada, entre as doenças endemicas e certas condições locais dos districtos em que ellas predominam, conduz natural e logicamente, a procurar no ambiente d'essas localidades a causa que as produz.

É na visinhança dos pantanos e das terras alagadiças, alternativamente cobertas de agua, e postas a secco pela acção do calor do sol que as febres intermitentes affligem e devastam a população. Todos sabem isto e por esse motivo todos accusam os pantanos e as terras alagadiças como origem d'aquellas enfermidades, como existindo ali os laboratorios em que se prepara o veneno que o ar transmite aos tristes habitantes d'estes districtos.

Os antigos medicos não podiam deixar de notar, como nós hoje notamos, estas coincidencias, e não podendo ir mais longe, não explicavam o facto, mas attribuiam já ás emanções dos pantanos, mais activas da primavera ao outomno, a causa das febres paludosas. Reconhecer a natureza d'estas maleficas emanções devia pertencer á chymica, que n'esses tempos não ousava ainda sahjr dos laboratorios.

Ha já muito tempo que Moscati, querendo surprehender em flagrante delicto estas emanções, teve a feliz idéa de as condensar com o vapor da agua por meio do frio artificial. N'isto se aproximou das condições naturaes em que as emanções palustres mais nos prejudicam. É com effeito n'aquellas horas do dia em que a temperatura do ar começa a descêr, como acontece logo depois do sol posto, quando a irradiação terrestre resfria a atmospherá, que a humidade do ar se condensa e traz consigo os corpúsculos que tem em suspensão, e entre os quaes se acham os miasmas. Quem desgraçadamente se achá exposto a receber estes miasmas assim condensados, absorve facilmente o veneno que tão funestas desordens produz.

O artificio de que Moscati se servio era muito simples. Sobre um

d'esses arrosaes da Toscana, em que reinavam as febres intermitentes suspendeu um vaso de vidro afunilado e cheio de gelo. Poz-lhe por debaixo um frasco, destinado a receber a agua do ar condensada pelo frio sobre as paredes do vaso. A agua atmospherica, assim recolhida parecia limpida, mas em pouco tempo appareceram n'ella uns flocos de materia organica, e no fim de alguns dias exalava já o cheiro proprio da podridão.

Em differentes logares, e em circumstancias analogas, outros observadores repetiram esta e outras experiencias, com resultado quasi identico. Ficou assim demonstrada a existencia de materias organicas susceptiveis de putrefacção, ou já em decomposição formal, no ar dos logares suspeitos.

D'aqui resultou a convicção que se tornou geral, ou antes a confirmação da suspeita, de que os miasmas, causadores das febres, provém da corrupção e podridão das materias organicas contidas nas aguas estagnadas.

A cholera aziatica, que é endemica em Benguela, no detta do Ganges, e nas margens do Euphrates, a febre amarella, oriunda de Vera Cruz e Antilhas, e as carneiradas da Africa intertropical, teem indubitavelmente origens analogas; mas as suas manifestações tão diversas podem attribuir-se á differente natureza da materia organica constituida no estado de miasma.

Á similhança d'essas substancias que constituem ou originam os fermentos, e que as observações modernas tem demonstrado serem entes organizados e vivos, e que segundo a sua indole particular e as condições em que se desenvolvem, produzem fermentações de diversa natureza, umas em que se fórma o alcool ou espirito de vinho, outras em que produz o acido do leite azedo ou lactico, ou o acido butyrico, ou acido acetico, e ainda outros corpos, tambem de um modo analogo os miasmas de origens diversas e actuando em circumstancias especiaes, podem gerar em ultimo resultado essas perturbações da economia animal, caracterisadas por symptomas proprios, as febres intermitentes, as carneiradas, a cholera, a febre amarella e a peste.

Fortalece esta analogia, que aqui apontamos, entre a origem das doenças miasmaticas e a das fermentações, a consideração de que em umas e outras é necessaria a intervenção do ar aonde residem as causas d'esses movimentos. Os recentes estudos do sr. Pasteur sobre as fermentações dão grande luz a esta questão. Para que os liquidos ou succos fermentaveis entrem em fermentação, é necessario que n'elles semeie o ar os sporos ou seminulas, que na atmosphaera vagam em quantidade immensa, e que ali geram, como em campo proprio, as diversas mucedinias ou bolores, os cogomellos microscopicos e venenosos, e uma infinidade de seres vegetaes e animaes que formam como um

mundo tão complexo e variado, como este que os nossos olhos vêem sem o auxilio do microscopio.

Não será o mesmo relativamente ás doenças paludosas?

A este respeito não aventuramos senão conjecturas; porém mais ou menos conjecturaes são quasi todas as opiniões até hoje emittidas sobre materias tão controversas.

N'estes ultimos annos a contar de 1858, renovou-se no campo da sciencia uma questão que em tempos mais remotos trouxe divididos os phylosophos naturalistas.

O sr. Pouchet, director do muzeo de historia natural de Ruão, hasteou novamente o estandarte da geração espontanea, que havia quinze annos, tinha sido derrubado em Allemanha pelas experiencias de Schultz e Schwan. O que parecia decidido, poz-se novamente em duvida e a refrega começou temerosa nos arraiaes da sciencia.

Não pertendemos entrar na contenda, mas diremos só como ella se liga com a historia do ar de que nos vamos occupando.

Querem uns que todos os entes organizados, aquelles mesmos cuja organização é mais rudimentar, aquelles mesmos que, pela sua extrema pequenez escapam á nossa vista, como acontece aos que, vivendo nas aguas corruptas, são conhecidos dos naturalistas pela denominação extremamente generica de *infuzorios*, e que apenas podemos descobrir com o auxilio de fortes microscopicos, que todos elles nasçam de outros similhantes, por gerações successivas e oriundas de um ser primitivo da sua especie. Segundo elles, cada especie tem os seus primogenito es, mais ou menos completos. São estes os que seguem a doutrina hoje considerada classica, e que negam a geração espontanea ou heterogenia.

Querem outros que a materia organica, privada de vida, possa, em condicções opportunas, grupar-se convenientemente para constituir um ser vivo, recebendo directamente das mãos do Creador o alento que distingue a natureza viva da natureza inerte.

As numerosas experiencias que o sr. Pouchet apresentou para sustentar esta ultima doutrina, contrapoz o sr. Pasteur outras experiencias do mesmo genero das quaes tirou conclusões oppostas. Os dois campos estão ainda em armas, ninguem se confessou vencido, mas de toda esta campanha resultaram já grandes vantagens para a sciencia no estudo micrographico do ar atmospherico.

Já de longo tempo sabiam os naturalistas que o polen de muitas plantas unisexuaes era levado pelo ar ás flores femeninas, existindo em individuo separado, fazendo-se d'este modo a fecundação atravez de grandes distancias.

Hoje todos sabem que a atmospherica, é o vehiculo de grande numero de sporos vegetaes; que a grande classe das cryptogamicas recebe

os seus germens reproductores por intermedio do ar, que os transporta atravez de enormes espaços, propagando estas parasitas de um modo prodigioso, como se propagou, em tão pouco tempo, por toda a Europa e fóra d'ella o oidium, destruidor da vinha. É pelo transporte atmospherico das sementes das mucidenias e dos ovos dos animaes microscopicos, senão dos proprios individuos reproductores, que se explica o desenvolvimento aparentemente espontaneo d'estes seres nos logares e condicções que lhes são apropriadas. Não é portanto uma idéa nova a da existencia dos germens organicos na atmosphaera; mas não havia ainda estudo tão accurado dos corpusculos em suspensão no ar como aquelle que n'estes ultimos annos tem sido feito pelos sabios que tomaram parte na contenda da geração espontanea.

Um naturalista de grande conceito, que une a muito saber notavel elegancia de estilo, o sr. Quatrefages, pretendia haver reconhecido na poeira, que do ar se deposita lentamente, certos corpos esphericos ou ovoides que despertavam a idéa de que podiam ser ovos de extrema pequenez.

A estes ovos, transportados pelo ar, e resistindo a todos os agentes destruidores, se podia attribuir o desenvolvimento dos animaculos nos liquidos fermentaveis, porque é certo que sem a presença do ar é impossivel a manifestação da vida e a fermentação.

Querendo verificar este facto, que abalava a sua doutrina, o sr. Pouchet submetteu ao exame microscopico a poeira depositada pelo ar em differentes logares, a diversas alturas, e em épocas mais ou menos afastadas.

A poeira deposta, talvez desde o tempo dos Pharaós, nos monumentos mais antigos do Egypto, a que se havia accumulado nos frisos e cornijas das igrejas, torres, e castellos, e em que não havia memoria de se haver tocado, e finalmente a que em nossos dias se depõe nas edificações modernas das cidades e dos campos, todas ellas foram escrupulosamente examinadas, e o microscopio não mostrou ao sr. Pouchet os ovos que vira o sr. Quatrefages, porém fez-lhe descobrir uma infinidade de detritos organicos e mineraes, cuja existencia e a passagem pelo ar tem plausivel explicação nas condicções de localidade e tempo.

Os detritos mineraes, que constituem essas poeiras, segundo a observação do naturalista a que nos referimos, são apenas parcelas das rochas que affloram nas visinhanças do local, em que a poeira se accumulou, ou dos materiaes das proximas construcções.

A parte organica da mesma poeira é pelo contrario mais variada e compõe-se dos cadaveres de animaes microscopicos, taes como dos helmintos, e de vibrões de muitas especies, de esqueletos de infuzorios siliciosos, das naviculãs, das bacilares, e dos diatomos, de fragmentos

de antenas de coleopteros, das escamas das azas de borboletas diurnas e nocturnas, de fios de lã, tintos muitas vezes com brilhantes cores, azul de anil, verde e escarlate, de pelos de animaes, de barbas de penas, de fragmentos de insectos, de filamentos de teias de aranha, e outros muitos restos da vida animal. Não faltam ali tambem os representantes da organização vegetal; fibras lignosas, fragmentos de celulas e do tecido vascular, pelos de ortigas, fios de algodão, brancos e tintos, pedaços de antheras, grãos de polen, sporos das cryptogamicas, e notavelmente os grãos de fecula ou amidon que abunda particularmente nas poeiras recolhidas em todos os logares, em que os cereaes servem de alimento.

É na verdade muito curioso o estudo feito pelo sr. Pouchet sobre as poeiras de tantos logares e de épocas tão diversas: mas em todo elle não se encontra luz que esclareça a importante questão dos miasmas, nem mesmo a da geração espontanea, em defeza da qual o emprehendeu. Na poeira, depositada pelo ar, nos seus momentos de repouso, não se podiam de certo encontrar senão as partes mais grosseiras e pezadas que fluctuam nas camadas inferiores da atmospherá. Por certo que os outros corpos, menos densos, mais tenues, ou mais alteraveis, continuariam a manter-se em suspensão, escapando assim ao observador, sem deixarem de exercer poderôsa influencia, já na propagação das especies a que pertencem, já na alteração dos seres vivos, actuando ou como geradores dos fermentos, ou como venenos.

Se ainda hoje a sciencia não pôde dizer-nos com segurança qual é a verdadeira natureza ou composição chymica dos miasmas, se ainda não pôde descrever as suas propriedades e fazer a sua historia, como faz a das substancias conhecidas, não se pôde comtudo duvidar de que estes miasmas são substancias de origem organica, que acompanham as emanações dos terrenos pantanosos, nas épocas em que a decomposição das materias vegetaes e animaes, ali accumulada, é mais activa, e sujeita a condicções especiaes.

Nem toda a decomposição da materia organica produz os mesmos effeitos, nem toda produz emanações igualmente prejudiciaes. A simples podridão da madeira, a corrupção das dijecções solidas ou liquidas dos animaes herbivoros ou granivoros, a dos animaes carnivoros, a dos despejos das cidades populosas, a putrefacção dos cadaveres e outras muitas e profundas alterações da materia organica, que podem occorrer em diversas circumstancias, já isoladamente, já complicadas por outros phenomenos e condicções externas, produzem effeitos, que podem ser perniciosos, mas que são muito diversos dos que se originam na corrupção dos pantanos. Aquelles quasi sempre são limitados, estes pelo contrario estendem-se por largas regiões: os primeiros

destroem-se facilmente com a remoção da causa que os produz; os segundos teem causas tão extensas que, para as annular, é necessario grandes meios, muita força de vontade e preseverança dos homens que administram a sociedade.

Apezar das difficuldades que cercam a resolução scientifica do problema que tem por fim reconhecer a natureza intima dos miasmas palustres, alguns passos tem dado a chymica n'este sentido, e um d'elles é seguramente o emprego de regentes mais sensiveis para descobrir a maior ou menor quantidade de materia organica no ar atmospherico. Tal é o que devemos a Mr. Smith, e que consiste no emprego de uma dissolução graduada de permanganato de potassa.

O permanganato de potassa é um sal, cuja dissolução, intensamente corada de rubro, se presta com extrema facilidade á avaliação de pequenas quantidades das materias que são capazes de o destruir, e n'este caso estão as materias organicas que lhe roubam o oxigenio, descorando-o, porque o decompõe.

O processo de Smith consiste em agitar um volume determinado do ar, que se deseja analysar, com uma dissolução muito diluida de permanganato de potassa, até que esta se descobre completamente. Quanto mais impuro fôr o ar, tanto maior será a quantidade de dissolução que pôde ser descorada. A dissolução, que elle emprega, é graduada em relação a um pezo determinado de acido oxalico, que representa a unidade da materia organica decolorante.

Por este processo tão simples Mr. Smith achou que 400 polegadas cubicas de ar, tomado em Manchester, descoravam 52 grãos e 9 decimos de permanganato de potassa; que se o ar fosse tomado no campo, nas proximidades da mesma cidade, descoraria apenas 13^g,7. A mesma quantidade de ar, recolhido ao norte de Italia, descorou-lhe só 6,36; o do lago de Lucerna 1^g,4 e o de uma pocilga de porcos em Manchester chegou a descorar 109 grãos e 7 decimos.

O sr. Monier em Paris empregou o mesmo regente para determinar volumetricamente o gaz sulfhydrico que se pôde casualmente encontrar no ar viciado; determinação que se pôde fazer independentemente da materia organica suspensa, tendo o cuidado de experimentar sobre o ar, já livre d'esta, por uma prévia filtração atravez do vidro moido e impregnado de acido sulfurico diluido. Eu mesmo já empreguei o permanganato de potassa na avaliação das materias organicas contidas nas aguas corruptas.

Aqui teem pois os medicos e os chymicos um meio facil de reconhecer a pureza relativa do ar pelo que toca a materias organicas em suspensão; methodo facil para examinar não só o ar dos espaços limitados das casas e das enfermarias, mas tambem o ar livre, sobre

os pantanos, sobre os arrosaes, sobre as montanhas e por toda a parte.

N'uma das revistas dos trabalhos de chymica, publicadas pelo Dr. Quesneville no seu *Moniteur Scientifique* do anno passado, encontrei um factio curioso, que mostra bem até que ponto pôde chegar a accumulacão malefica das materias organicas, ou antes dos seres vivos invisiveis no ar. É uma anecdota referida por um tal sr. Chartelain, que eu transcrevo debaixo da sua responsabilidade.

«Haverá seis annos um rapaz chegou a Paris e cahio logo doente; tinha-o visto, cerca de oito dias antes, cheio de saude, e fui encontral-o n'uma hospedaria, na cama, pallido, descarnado, denegrado, medonho á vista. Julgavam-o atacado pelos derradeiros symptomas de uma pulmonia. Espectorava incessantemente de dia e noite; tossia por tal modo que parecia despedaçar o *baço*; era finalmente um homem perdido.

Porém, entrando no seu quarto, que estava separado de uma sala magnifica por um tabique, e que apenas era illuminado por alguns vidros foscos que davam sobre um corredor escuso, senti immediatamente a presença dos *miasmas nocturnos*.

«Este pobre moço estava litteralmente abafado e devorado pelos miasmas, que se lhe introduziam no pulmão e pelos póros da pele, e que devoravam o individuo vivo, como os vermes devoram um cadaver.

«Como seja necessario provar para merecer credito, eis aqui o que eu fiz para demonstrar a presença dos animaculos.

«Fiz tirar a cama da alcova obscura, que nem era uma alcova mas um cubiculo fechado.

«Transportou-se o doente para um logar claro; deu-se-lhe uma fricção e mudou de roupa. Em quanto se fazia isto, fiz accender um fogareiro com carvão de lenha. O doente estava sentado n'uma cadeira de braços. Poz-se o fogareiro no meio da sala. A massa do carvão em ignição não derramava cheiro algum. Verificado este factio, collocou-se o fogareiro no quarto escuro, e no fim de alguns momentos, suffocavamos já o cheiro dos animaculos queimados. Parecia que se havia lançado ao fogo um molho de pennas.

«Evidentemente muitos milhões de milhares de animaculos tinham vindo queimar-se no fogareiro; e eram os cadaveres em combustão que espalhavam o cheiro de pennas queimadas...

«O rapaz livre dos animaculos, e que havia sido collocado em uma sala bem arejada tinha, passados tres dias, recuperado florescente saude.»

Esta anecdota vae por conta do sr. Chartelain e do Dr. Quesneville que a transmittio por via do seu jornal; não fico pela sua completa

exatidão, mas também não tenho motivo para negar os factos que elles asseveram. Quem vê a innumeravel quantidade de animaculos infuzorios que se agitam n'uma gota d'agua corrupta e de vegetações microscopicas que os acompanham, e que construem como um mundo infinitamente povoado e que se occulta na sua pequenez á nossa limitada vista, mas que não deixa de ser tão real e verdadeiro como aquelle de que fazemos parte, pôde muito bem admittir a possibilidade da existencia de seres analogos no ar estagnado de certos logares.

A estagnação na agua ou no ar, assim como em todas as coisas, é altamente propicia á corrupção.

No ar livre e em movimento, na agua corrente e em perenne circulação, nunca se dão as condições favoraveis ao desenvolvimento d'esses seres que acompanham a podridão e a tornam tão nociva á saude.

A estagnação, que só por si contraria já o movimento circulatorio tão essencial á harmonia do mundo, se não é a causa primeira da corrupção das aguas, é pelo menos condição essencial e indispensavel para que ella tenha logar.

Para resolver o problema da salubrisação do ar, tanto importa destruir a causa primaria da corrupção, como obstar a que se realizem as condições essenciaes da sua manifestação. D'este modo, se não pôde ainda a sciencia realisar o seu intento no descobrimento na natureza intima e modo de ser dos miasmas, pelo menos, e para beneficio da humanidade, demonstrou quaes as condições a que se deve satisfazer para que elles cessem de formar-se.

Tudo se reduz á realisação da formula hygienica que todos deviamos adoptar como divisa e seguir como preceito — *Circulação contra a estagnação.*

Livre circulação do ar no interior das casas e nas ruas das povoações, que se alcança pela adopção dos bons systemas de ventilação.

Livre circulação das aguas no interior das cidades e nos campos, que se obtem pela regular distribuição das aguas potaveis e de rega, pelas canalisações apropriadas aos diversos serviços das cidades, pelas irrigações bem dirigidas, pela desecção dos pantanos, pela colmatagem, e pela *drenagem* ou escoamento tubular, cujas innumeraveis vantagens a sciencia agricola e a hygiene tanto tem apregoado, demonstrando-as com factos irrecusaveis.

Os charcos, os pantanos naturaes e artificiaes, as marinhas estragadas, as accumulações de immundicies, as canalisações viciosas, são na verdade origens de graves perturbações na saude publica, porque viciam e corrompem o ar, que deve ser puro; mas a indolencia, a incuria, a preguiça, a estagnação do espirito d'aquelles, a quem incum-

be a administração publica, não são menos prejudiciaes, e tendem fatalmente, na ordem moral, como os pantanos na ordem physica, a corromper a sociedade, moral e physicamente. Por isso não cessaremos de pedir e clamar:

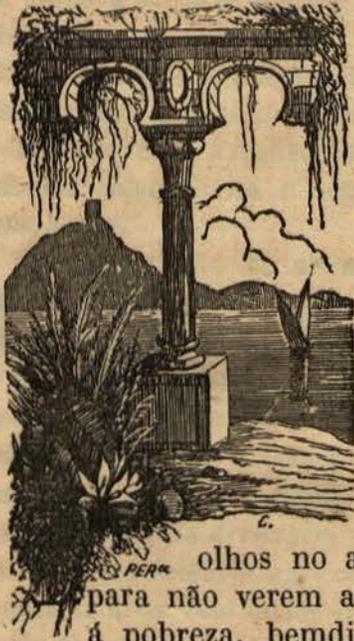
«Circulação contra a estagnação. Actividade e energia contra a incuria e indolencia.»

J. PIMENTEL.

de a administração publica, não são menos prejudiciais, e tendem a
 diminuir, na ordem moral, como os pontos na ordem physica, a cor-
 romper a sociedade moral e physica. Por isso não cessamos
 de pedir e clamar:
 "Conselho contra o esquivado, a negligencia e a corrupção contra a in-
 curia e indolencia."

J. J. PEREIRA

UMA APRESENTAÇÃO



em dito muita gente que a pobreza é
 companheira inseparavel da poesia.

Dizem muito bem. A asserção é con-
 firmada por mil exemplos, mil auctores
 o attestam, e a posteridade contará mil
 e um quando souber que eu associei o
 meu voto a essa idéa. Não me digam,
 porém, que é má companheira, que isso
 não consinto eu. Deus sabe quanto me
 custa supportar a ingratição dos poetas
 quando maldizem essa fraternal união.

Se elles, despidos de todas as ambições
 da materia, fossem surdos ás prosaicas
 reclamações do estomago; se fitando os
 olhos no astro brilhantissimo da gloria, cegassem
 para não verem as coisas terrenas, elevariam seus cantos
 á pobreza, bemdizendo a sorté que os arrojára em seus
 braços.

Á desgraça de Camões devemos nós — *Os Lusíadas*. — A infeli-
 cidade elevou o estro arrebatado de Bocage, em vôos altivos e
 arrojados, a uma altura a que de certo não subiria da opulencia.

A penuria inspirou ao mimoso Quita os seus mais doces e sentidos cantos.

Á miseria de muitos outros deve a litteratura as mais viçosas flores da sua corôa. Segue-se, pois, que a pobreza enriquece, seja embora fatal aos poetas, que nem sempre tem a abnegação necessaria para prescindirem dos prazeres da burguezia.

«Mas todo o officio tem ossos,
«E os d'estes são a pobreza.»

diz Nicolau Tolentino. E será ôsso a gloria que elle deixou aos seus ascendentes para roer? São sempre injustos os taes poetas. A pobreza eleva-os, e elles queixam-se! Pois são outros actual-mente os verdadeiros inimigos da poesia, e eu, que os conheço, vou denuncia-los ao publico, para que não pague o justo pelo peccador. As duas personagens mais salientes n'esta guerra cruel e desabrida. chamam-se *Preguiça* e *Politica*.

E quem ousará deffendel-os da tremenda accusação?

João de Lemos, Pereira da Cunha, Augusto Lima, Palmeirim, Bulhão Pato, Serpas, Cordeiro, Couto Monteiro, Francisco Palha, e outros d'essa brilhante pleiade que vimos reunida nas deliciosas paginas do *Trovador* de Coimbra, de certo não empunharão as armas defendendo as accusadas. Se os pungir os remorsos, appareçam e acharão livre o campo da batalha, não sendo em prosa a defesa.

E essas duas matronas, tendo abafado, tão bellos talentos, cuja voz se ouve apenas, e de longe em longe, em fugitivos suspiros, embarcaram para o Brasil, onde vieram exercer igual dominio, sendo recebidas com especial agrado pelos poetas americanos. Ha quem diga que estes, invejando aos collegas do velho mundo o *dolce far niente* devido ao magico influxo das poderosas deidades, promoveram o engajamento que as trouxe a estas risonhas plagas.

Seja como fôr, é certo que ellas por aqui andam, gordas e anafadas, e que são agradavelmente cortejadas pela phalange dos seus adoradores.

Se eu podesse disputar-lhes o poderio, restituindo á arena da imprensa alguns nomes que ahi se avantajaram, lisongear-me-hia de ter prestado ao Brasil um valioso serviço. Não podendo, contento-me em contemplar algum fugaz lampejo d'esses astros que tanto podiam abrilhantar o horisonte da litteratura brasileira, e mostrando ao publico outros que de novo começam a fulgurar, antes que a *Preguiça* e a *Politica* pretendam escurecel-os.

OUTR'ORA

A C. . . .

Sonhei como Gonzaga, amei como elle.
Teixeira de Mello.

Affagos magos e venturas puras,
Donzella, outr'ora, já gosei por ti;
Immensas crenças, não perdida vida,
Dentro em meu peito com praser senti.

De enleio, o seio palpitante, amante,
Ai! muitas vezes palpitou d'amor,
Minha alma a palma da magia via
Dos teus amores na primeira flôr.

Immerso em berço de risonhos sonhos,
Meu pensamento vagueou no céu;
— Sereia cheia dos auguros puros,
Porque rasgaste o pudibundo véo?

Amei-te, dei-te de meu peito a eito
Toda a esperança, todo o amor e fé;
Não via: cria que a donzella bella
Só ergueria meu amor de pé.

Vira da lyra nos divinos hymnos
Uma esperança a desbrochar em flôr;
Nas scismas — prismas, nos amores — flores,
Nas crenças — vida e n'essa vida — amor!

Da lyra ouvira nos amenos threnos
A tua doce embriagante voz;
Sonhando, amando, no meu seio veio
Lançar as garras um ciume atroz.

Trahiste, riste dos encantos, tantos,
Que promettiam divinal porvir;
Mataste, eivaste uma ventura pura
No venenoso d'esse teu sorrir!

Outr'ora — a aurora de ditosos gosos...
Hoje — a amargura que para mim sorri;
Outr'ora — a aurora de risonhos sonhos...
Hoje — a saudade d'esse amor por ti.

Rio — 1860.

A. CUNHA.

José Antonio de Almeida Cunha, auctor d'esses versos, é um modesto mancebo, de vinte annos, que ha pouco tempo começára os seus estudos, para formar-se em direito. A musa principiára a sorrir-lhe em verdes annos, e a natureza, desenfeitada dos atavios da arte, produzia mimosos cantos que revelavam já um estro brilhante e esperançoso.

Algumas poesias suas teem sido publicadas em jornaes, e não são poucas as que conserva ineditas. Em todas ha inspiração, em todas ha verdadeiro sentimento: A facilidade com que sujeita o seu pensamento ás fórmãs, vê-se n'essa poesia que acabo de transcrever.

Apresentando o mimoso poeta brasileiro aos leitores da *Revista Contemporanea*, cumpro uma promessa, mas exponho-me a um perigo.

É velho o conto mas vem a proposito.

Conta-se de um individuo que se offerecera a um seu amigo para apresental-o n'uma casa onde não era conhecido, e que desejava frequentar. Feita a apresentação nos termos do estylo, os donos da casa receberam com affabilidade o apresentado, como eu creio que será recebido aqui o sr. Almeida Cunha.

O que eu não sei é se me perguntarão agora, como perguntaram n'essa occasião ao apresentante: «E quem o apresenta ao senhor»? N'esse caso responderei como elle: «A mim ninguem, que eu saio já.»

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA POLITICA

Lisboa, 28 de março de 1862.



solução que teve a crise ministerial, que succedeu á ultima votação importante da camara hereditaria é de todos conhecida. Porém a primeira questão a tratar é de saber se a crise, que se seguiu chronologicamente á votação, foi uma consequencia d'ella. A logica

dos acontecimentos está longe de o demonstrar.

Discussio-se longamente na camara hereditaria se aquelle corpo politico tinha o direito de censurar o gabinete. Exhibiram-se as mais abstrusas doutrinas de direito constitucional; e o peor foi que as idéas menos regulares sobre o assumpto partiram do banco dos ministros e tiveram ecco na voz dos seus defensores. É que se confundio

o direito com a conveniencia de um exercicio.

As attribuições das duas casas do parlamento vem claramente definidas na carta. As duas camaras são eguaes nos seus direitos politicos, e reside em ambas a representação nacional, apesar da diversa origem da sua composição. A camara electiva tem só o privilegio da iniciativa sobre a votação do imposto, como a hereditaria tem o das funcções privativas de tribunal de justiça para julgar, além dos seus membros, os ministros e os deputados, cuja accusação deve começar na outra camara. Mas de que a camara dos pares deve ser tribunal para julgar os ministros, que na dos deputados forem accusados, não se póde concluir, como alguns oradores pretenderam

demonstrar, que não tinha o direito da censura politica dos actos do governo. A censura é um dos resultados da apreciação dos actos do poder, e se a camara hereditaria não podesse analysar o procedimento do gabinete deixava de ser um corpo politico com a significação que tem em todos os paizes, em que existe o systema representativo; dever-lhe-hia ser defesa a discussão da resposta ao discurso da corôa, que é por via de regra a approvação ou censura da politica do governo; e só lhe restaria o *veto* na approvação das leis, de que o *veto* real não viria então a ser senão uma segunda instancia confiada ao poder moderador.

O que os dignos pares, defensores do governo na discussão dos tumultos de dezembro, poderiam dizer plausivelmente, e os mais cordatos a isto se limitaram, era que a indole conservadora da segunda camara lhe impunha a maior reserva no exercicio do direito de censura sobre os actos do governo, maiormente quando a outra camara tinha absolvido o governo por esses actos. A camara hereditaria deve ser a salva guarda das instituições e de todos os direitos que ellas garantem. A camara electiva pôde errar ou tornar-se facciosa. N'esse caso o voto em contrario da outra camara authorisa o poder moderador para um apello á urna pela dissolução da camara dos deputados. Porém no caso, de que se tratava, os erros censuraveis do governo nos dias de tumulto na capital eram apenas erros de negligencia e fraqueza, e não de intenção propria sobversiva da ordem, das instituições ou dos direitos. Por isso, com quanto a gerencia governativa nos parecesse a outros muitos respeitos digna de censura, prejudicial aos interesses publicos, escandalosa, se querem, já em alguns dos seus actos, já na sua calculada inacção sobre os assumptos mais momentosos da administração publica, não julgamos que a falta de providencias para serenar um tumulto, que teve a sua origem n'uma dôr nobre, que desvairou muitos animos, ainda os mais tranquilllos, devesse ser o motivo escolhido para uma censura da camara conservadora e um conflicto com a outra casa do parlamento. Um só orador, elevando-se acima da questão como ella era apresentada, apreciando todo o proceder politico do gabinete, depois do começo da sua gerencia, mostrando a situação difficil e impotente do governo nos dias do tumulto como o resultado da sua politica inhabil, imprevidente e funesta, soube dar plausibilidade á censura que se ia votar, mostrando-se ao mesmo tempo pela elevação e cordura das suas idéas homem de estado e de governo a par dos que melhor o podem ser. Foi este o digno par o sr. José Maria Eugenio de Almeida, um dos nossos homens publicos de mais talento practico, e das mais sãs e liberaes idéas economicas. O seu discurso, que a curteza d'estas paginas nos impede de transcrever ou analysar, foi a muitos respeitos aquillo a que os francezes chamam um discurso ministro.

Sentimos que os ministros commettessem a fraqueza de votar. Apesar d'esses trez votos incompetentes, o parecer da maioria da commissão, que censurava o governo, foi rejeitado pela só maioria de dois votos, e a votação sobre o parecer da minoria, que desculpava o governo, ficou empatada.

Poucos dias depois d'esta votação, o presidente do conselho veio declarar ás camaras que o governo havia pedido a sua demissão, a qual fôra acceita pelo rei, e que o mesmo presidente do conselho estava encarregado de or-

ganisar o novo gabinete, de accordo com o sr. visconde de Sá da Bandeira. A solução era na realidade extranha, se acaso a demissão do ministerio tivesse sido uma consequencia da votação da camara alta, como ao publico se inculcava. Se a censura da camara podia recahir em particular sobre alguns dos ministros a proposito dos tumultos do natal, era de certo sobre os ministros do reino e da guerra, a quem particularmente incumbia ter tomado as necessarias providencias, e foram elles os responsaveis pela anarchia e pelos desacatos commettidos contra a vida e a propriedade dos cidadãos.

O novo concerto politico teria ainda uma explicação plausivel e constitucional, tomando-se o voto dos pares contra o governo como uma manifestação mais generica contra a politica do governo, e não restricta aos acontecimentos de dezembro, se os encarregados da organização do novo gabinete tivessem por missão um accordo ou uma transacção com parte da minoria, para evitarem as eventualidades de um conflicto entre as duas camaras, procurando formar um ministerio, que tivesse o apoio de ambas ellas. Mas não succedeu assim. Depois de alguns dias de crise, em que alguns dos nomes indigitados foram recebidos hostilmente pelo publico e pelas camaras, appareceu constituido o gabinete com a sahida dos srs. Avila, Carlos Bento e Moraes Carvalho, com a transferencia do sr. marquez de Loulé presidente do conselho para os estrangeiros, e com a entrada do sr. Anselmo Brancamp para o reino, do sr. Gaspar Pereira da Silva para a justiça, do sr. Lobo d'Avila para a fazenda, e do sr. Mendes Leal para a marinha. Tambem esta combinação, diga-se a verdade, foi mal recebida pelo publico e pelas camaras. E todavia o sr. Anselmo Brancamp não cede a nenhum outro cavalheiro na respeitabilidade do character, e não pôde ser inferior em intelligencia e aptidão para os negocios ao seu antecessor na pasta do reino, o sr. marquez de Loulé. O sr. Anselmo Brancamp não é orador; mas o sr. marquez era mudo. O sr. Gaspar Pereira foi um intelligente e honrado juiz do tribunal do commercio. Não o julgamos inferior em probidade e em conhecimentos juridicos ao sr. Moraes Carvalho seu antecessor, e julgamol-o superior em actividade e desassombro para o expediente dos negocios. O sr. Mendes Leal é um homem do reconhecido talento e provada illustração. Os seus actos nos dirão o que valle como homem pratico na especialidade para que o destinaram. Por affastada porém que seja a vocação litteraria, os dotes do poeta, o brilhantismo da imaginação, da prosaica aptidão para os negocios administrativos, será muito infeliz quem não desempenhar na pasta da marinha um papel decoroso, depois do sr. Carlos Bento, cavalheiro, é verdade, reconhecidamente illustrado, ornamento de uma camara e mais ainda de um salão, pela originalidade da sua veia epigrammatica, mas incapaz, talvez mesmo pelas brilhantes qualidades do seu espirito, de tratar um assumpto positivo, de ter uma convicção pratica sobre negocios, e de dar um quarto de hora de attenção ao mais trivial expediente de secretaria. Diga-se a verdade inteira, a impopularidade do novo governo provém do novo ministro da fazenda, que succedeu ao seu homonymo, o qual com todos os seus defeitos reúne a uma grande pratica dos negocios a confiança, bem ou mal adquirida, da commercio e dos capitalistas na sua prudencia e tino financeiro.

O sr. Lobo d'Avila é incontestavel um moço de habilidade, tem-no demonstrado nas commissões de serviço e nas discussões do parlamento. Porém a opinião publica é mais exigente. O desertor de todos os campos, o ingrato a todas as amizades, o adulator, que se converte em adversario implacavel no dia em que não é servido nas suas pretensões, o ambicioso que não poupa meios para chegar ao seu fim, não ganha facilmente a confiança publica.

O que porém se não explica á primeira vista é a razão porque a maioria da camara electiva recebeu ao começo com tanta frieza e hostilidade um gabinete, cujos membros novos foram tirados do seu seio, e escolhidos entre os homens, em quem ella depositava toda a sua confiança, nomeando-os seus delegados em todas as commissões importantes, e entregando-lhes plenamente a defeza das suas opiniões e da politica do governo, que ella sustentava.

Duas circumstancias explicam este facto. Em primeiro lugar existe na maioria um grupo, especialmente dedicado ao sr. Avila, e que por isso não ficou satisfeito com a nova combinação. Depois, o modo pouco leal como o sr. marquez procedeu para com os seus collegas demissionarios desagradou aos mais sensatos. A reorganisação do gabinete foi o resultado de uma intriga. Póde ter motivos desculpaveis, generosos mesmo, o procedimento dos que preparavam, havia tempo, este cambio, que não é só de homens, mas em parte de idéas e de politica. Porém aquelles que o executaram, sem talvez lhe perceberem o alcance, foram os réos de deslealdade para com os seus collegas.

O sr. Avila (Antonio José) era, póde-se bem dizer, na passada administração o unico ministro, unico no parlamento, unico no conselho, unico nas secretarias. N'estas mesmas paginas censurámos muitos dos seus actos, e principalmente a timidez das suas reformas, e a pouca ou nenhuma firmeza dos seus principios economicos. Porém, depois de vinte mezes de governo o que fizeram em prol do paiz, do progresso, da administração, da moralidade, dos melhoramentos materiaes, da boa organisação de qualquer ramo de serviço, os outros ministros seus collegas? Um grande zero é a resposta laconica e mathematicamente exacta a esta pergunta. Foram vinte mezes de estacionamento e de esterilidade, na occasião em que mais precisavamos de fecunda iniciativa e de accelerados esforços para não nos distanciarmos mais dos povos que nos precedem no caminho da civilisação. Os objectos de provada importancia, que estavam a ponto de ser resolvidos, quando aquellé gabinete tomou posse da administração, e a cuja solução já proposta não teve remedio se não prestar o seu assentimento, esses mesmos, com grave prejuizo e vergonha do paiz, ahí ficaram no mesmo estado, porque as contemplações de um governo fraco e a mesquinha vaidade de alguns dos seus membros tudo sacrificaram á conservação de um voto ou á conveniencia de uma adhesão. A solução dos mais simples negocios de expediente era demorada durante mezes, com offensa da justiça e dos mais provados direitos, quando d'ella podia resultar o descontentamento de um amigo ou a animadversão de um indifferente. Governos, que assim patenteiam a insignificancia dos seus intuitos ou a pobreza da sua intelligencia, não provocam resistencias tenazes nem odios furibundos; mas acabam por incorrer no desprezo publico, e so-

mem-se um dia, como succedeu ao de que estamos escrevendo, não por um voto do parlamento ou por uma medida rejeitada, muito menos por uma commoção revolucionaria, mas por uma intriga facilmente organisada.

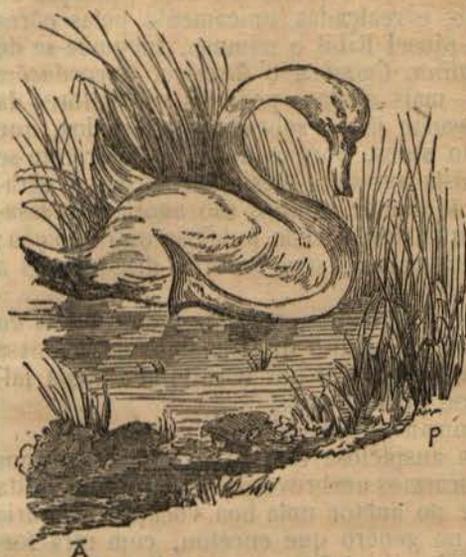
O antigo ministro da fazenda, o sr. Antonio José d'Avila, entrou em julho de 1860 para um gabinete, cujos membros o não estimavam, e haviam feito todas as diligencias para constituir governo sem a sua presença. Entrou pela sua presumida indispensabilidade. Bom é que reconheça agora que não ha homens indispensaveis, e que não ha governo durador e forte sem a mais completa e mutua confiança entre os homens que o compõem. A solidariedade ministerial é nos governos constitucionaes uma condicção indispensavel e não uma fórmula vazia de sentido. Bom aviso e proficua lição ás ambições insoffridas e incorrigiveis.

O novo governo foi recebido nas camaras friamente. Os novos ministros declararam nas duas casas do parlamento que continuariam a política dos seus antecessores, que eram os representantes da maioria da camara electiva, cujo pensamento politico haviam de seguir e sustentar e que mantenedores do principio liberal e progressista vigiariam contra a reacção e resolveriam n'este sentido as questões, que ultimamente tem servido de thema ás discussões da imprensa. Esta promessa devia captar os animos da maioria. Porém a confiança não se adquire só com promessas. Em duas reuniões successivas da maioria da casa electiva, convocada para as salas da secretaria do reino, o novo governo conseguiu que esperassem pelos seus actos, e os membros da camara prometteram um apoio condicional. Muitas iras se desarmaram. Outras moderaram a sua impaciencia. O antigo ministro das obras publicas, o sr. Thiago Horta, que alguns accusavam de haver sido o promotor da desorganisação do gabinete anterior, para completar a sua justificação, declarou que saia do gabinete, dando assim uma prova da sua desambição de conservar a todo o custo uma pasta, tendo saído parte dos seus collegas. O sr. marquez, presidente, tomou conta interinamente da pasta das obras publicas.

O que fará o novo ministerio? Continuarão a ficar sem resolução ou sem andamento tantos problemas de interesse economico e administrativo, que urge resolver convenientemente, e tantas questões que estacionam ha perto de dois annos na teia parlamentar, ou antes nos archivos das commissões da camara electiva? Miseraveis interesses e contemplações mesquinhas, que só intimidam governos fracos e sem principios, continuarão a impedir a adopção de projectos, que as necessidades economicas, a opinião e o verdadeiro progresso reclamam? Serão convenientemente resolvidas as questões, que se promette resolver, ou continuarão ellas a ser um pretexto para alimentar dissidencias e para sustentar o poder sem o incommodo de governar? Não aventuramos conjecturas. Esperamos pelos actos do novo governo, e só por elles havemos de julgal-o.

No curto espaço da existencia do novo gabinete nada nos admira que elle não tenha ainda tido tempo de apresentar os seus projectos. O sr. ministro da fazenda declarou que adoptava a medida proposta pelo seu antecessor para a desamortisação dos bens das corporações de mão morta. Louvamos-o por isso, e esperamos que a approvação d'este projecto se não demore.

CHRONICA LITTERARIA



ó duas paginas restam hoje ao chronista. Embora pois, se limite a registrar os acontecimentos litterarios, e são estes que sempre lhe merecem a preferencia, ainda assim o espaço mal chega para o esboço rapido das obras que tem diante dos olhos. São tres livros; mas tres livros curiosos e apreciavcis, tres livros que reclamam analyse minuciosa; tres livros distinctos e de variados generos. N'um d'elles, confirma-se brilhantemente o talento reconhecido do auctor; no outro, manifesta-se uma auspiciosa estreia; e no ultimo presta-se uma homenagem ao nosso paiz, e essa homenagem cumpre graval-a aqui para attestar o devido reconhecimento. Chama-se o primeiro livro *Scenas da minha terra*, e assigna-o Julio Cesar Machado; chama-se o segundo *Arzilla*,

e firma-o Bernardino Pinheiro; intitula-se o terceiro *Six mois en Portugal*, e rubrica-o Louis Sauvages.

O novo livro do auctor dos *Contos ao luar*, encerra muitas bellezas, sendo a nosso ver a mais pronunciada d'essas bellezas, o estylo scintillante, facil, gracioso sem esforço, florido sem arrebiques, ora esmaltado de sorrisos, ora inundado de lagrimas, mas de sorrisos leves, de lagrimas desaffectedas, o estylo em fim que da primeira á ultima folha illumina todas as narrações. D'estas, porém, as que mais nos impressionaram foram *As Flores Silvestres* e *A noite do casal*. Ha um tal perfume poetico nos dois contos, que a alma embriaga-se e o espirito enleva-se na contemplação d'aquelles meigos e singelos quadros, desenhados com tanta verdade e com tão suave colorido.

As *Scenas da minha terra*, acentuam com mais vigor que os *Contos ao luar*, os traços caracteristicos do mimoso talento de Julio Cesar Machado. Observa-se mais igualdade na fórmula geral da composição e na contextura da phrase, que apresentam o mesmo cunho sempre, o cunho d'essas paginas soltas que lemos todas as semanas. Obedeceu mais á inspiração, deixando correr a penna após ella, e não se preocupando de occultar o folhetinista do romancista. Foi ambas as coisas, e bem haja elle, porque assim manteve a sua individualidade litteraria. E o escriptor que poude, seja n'este ou n'aquelle genero, imprimir uma feição propria e original ás suas produções, feição que se não confunde com as alheias, nem se ajusta aos moldes geraes, esse escriptor venceu uma grande difficuldade e alcançou a mais rara gloria.

Deixe o auctor das *Scenas da minha terra*, transparecer a vêa folhetinistica nas suas pequenas, simples e modestas historias, deixe, que as não prejudica. Antes pelo contrario, é essa mesma vêa que lhes dá o calor, o movimento, a vida, o realce e a expressão. Deixe brincar a imaginação, que é de taes brinquedos que se lhes formam as travessas phrases e as graciosas imagens, que tanto seduzem e tanto prendem a attenção do leitor. D'ahi provém a reputação de folhetinista que ligitimamente adquirio; d'ahi provém o interesse com que se lêem esses contos que tem publicado. Não é a complicação dos enredos, não é aos lances dramaticos, não é ás peripecias inesperadas e deslumbrantes, que elles devem a sua acceitação e prestigio, porque lhes escacéam semelhantes predicados; devem o seu pres-

ligio e acceitação ás grinaldas naturaes e viçosas com que sabe adornar e embellesar as scenas mais triviaes, e tambem as mais verdadeiras.

Scenas da minha terra, chamou Julio Cesar Machado ao livro que acaba de escrever; e chamou bem, porque o livro é realmente uma collecção de scenas copiadas fielmente da verdade, e realçadas unicamente pelas côres esplendidas de que as matizou um pincel habil e mimoso. Incumbe-se de attestar o que deixamos dito *Marcolina, Coimbra e Bussaco, Recordações do Porto e Peniche*, e aconselhamos, — mais ainda — pedimos aos leitores da *Revista Contemporanea*, que não possuem já os sobreditos attestados, que os reclamem do editor Seabra quanto antes, porque é facil evaporarem-se brevemente. Se tal fizerem, o chronista agradece-lhes a resolução, e agradece-lh'a em seu nome e em nome do auctor. Ambos são agora interessados na venda da obra; o auctor por que deseja cedo publicar outra edição; o chronista por que se conceitúa para com os seus leitores, dispondo-os a ter fê nas suas recommendações.

Tão pouco dissemos, e tanto havia, e tínhamos, para dizer das *Scenas da minha terra*, e mesmo assim apezar do muito que resumimos na nossa apreciação, o espaço principia já a desapparecer-nos e resta-nos ainda falar de dois livros para cumprir o que promettemos.

Folheemos, pois sem demora, o romance *Arzilla*.

Declarámos já que era uma estreia auspiciosa este livro, e confirmamos a declaração, no momento de aventurarmos um breve juizo sobre elle. Basta ler uma vez *Arzilla* para reconhecer no auctor uma boa vocação litteraria e vaticinar-lhe um lisonjeiro futuro no genero que encetou, com rara fortuna e com promettedora superioridade. Os defeitos que se lhe observam, e poucos são elles para quem principia, estão compensados por muitas bellas e pela pintura esmerada da época. O sr. Bernardino Pinheiro, vê-se que preza o estudo, porque desejando manifestar o seu talento, não se limitou a tecer e urdir um enredo para dialogar e desenvolver; foi mais longe, foi investigar a historia, e buscar lá um facto para apresentar, entrelaçando-o com a acção de romance que imaginara, ou que segundo elle affirma, lhe contou uma familia que pretende succeder dos dois principaes personagens que figuram n'ella. A acção é interessante, mas não promove surpresa notavel, nem offerece extrema novidade; caminha todavia, naturalmente até ao desenlace. O vulto de Frei José do Amparo, o principal e o mais retocado pelo auctor, assemelha-se muito ao vulto magestoso, embora fatal, de Claudio Frollo, de Victor Hugo. Se este não existisse, a criação d'aquelle personagem, fazia a gloria do romance; mas existindo, a comparação acode espontanea e o grandioso do modello offusca toda a copia, ainda que seja como esta aprimorada. No desenho dos outros personagens foi em geral feliz; e mais feliz ainda na linguagem que elles fallam, que, além de ser correcta e propria da época, deixa logo advinhar um bello escriptor, e um escriptor portuguez no sr. Bernardino Pinheiro. Como não o conhecemos, damos-lhe aqui os parabens, pedindo-lhe que prosiga na carreira das letras, que não esmoreça e que dote brevemente a litteratura nacional com mais outra producção do seu esperançoso talento. Applicando-se e estudando, cremos que ha de produzir ainda mais sasonados e optimos fructos.

Vamos agora abrir o terceiro livro *Six mois en Portugal*, por Louis Sauvages. Forma este livro uma serie de correspondencias sobre Portugal, correspondencias escriptas ao correr da penna, e inspiradas pela viva sympathia, que uma hospedagem tão amigavel como merecida, accordou no coração do auctor. Encontram-se ali curiosas descrições dos nossos mais notaveis monumentos, delicados esboços dos nossos recreios e costumes, breve e lisonjeiro exame das nossas coisas, e termina afinal prestando uma homenagem cõrtez á litteratura nacional. A publicação d'este precioso album, pois é um verdadeiro album de viajante illustrado e intelligente, importa um serviço feito ao nosso paiz, e é o que basta para lh'o agradecermos cheios de gratidão.

ERNESTO BIESTER.

28 de Fevereiro 1862.